



Palavra Travessia

Uma narrativa dos partidores
da escuta e observação
com as crianças

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

**Curso de Pós- Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças:
escutas antropológicas e poéticas das infâncias"**

Poliana Savegnago da Silva

Palavra Travessia

Uma narrativa dos bastidores da escuta e observação com as crianças

São Paulo-SP

2021

Peliana Saregnago da Silva

PALAVRA TRAVESSIA

Uma narrativa dos bastidores da escuta e observação com as crianças

Trabalho realizado sob a orientação da Prof^a.

Renata Meirelles, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias.

Local, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Renata Meirelles

Prof^a. Josca Ailine Baroukh

Prof^a. Isabel Santos Mayer

Pedindo licença e agradecendo

*Meu pessoal
A Mestra Virgínia é peia
Quem anda na terra alheia
Pisa no chão devagar
(Mestra Virgínia de Moraes, 1999)^{1*}*

Agradeço minha mãe e minha avó, referências primeiras desta mulher que aqui se apresenta, honrando uma linhagem marcada por tantas que escolhem cuidar e dividir, mesmo que, muitas vezes, isto signifique esquecer um pouco de si mesma.

Agradeço meus filhos, Benjamim e Ana Terra, presentes que ressignificaram minha existência, maior experiência de amor, fé e entrega que a vida me deu.

Agradeço meu marido, Alan, pela crença em minhas palavras e criações, e pela caminhada ombro a ombro, em admiração mútua, na construção de uma vida movida por nossos sonhos individuais e comuns.

Agradeço cada criança que compõe comigo este trabalho, e suas famílias, por confiarem em mim e me aceitaram em suas casas e rotinas.

Agradeço Adriana Friedmann e Josca Baroukh pelo cuidado na coordenação deste curso, pela generosidade na partilha dos seus saberes, e por encontrarem as mais amorosas palavras sempre que eu duvidei da minha.

Agradeço Renata Meirelles pela orientação tão cúmplice e inspiradora, acolhendo minhas inquietações e iluminando minhas potencialidades.

Agradeço Bel Santos Mayer pela acolhida e disponibilidade na leitura e considerações a este trabalho.

Agradeço aos companheiros da pós-graduação por tantas trocas, risos, choros, reflexões, descobertas, aprendizados e singulares inspirações.

Agradeço a cada educador que contribuiu com esta formação e toda equipe da Casa Tombada, em especial Ângela Castelo Branco e Giuliano Tierno, que ao abrirem as portas da Casa, proporcionaram um espaço de tanto afeto, aconchego e bons encontros.

1 Trecho da música “Eu vi as nuvens girando” de autoria da Mestra Virgínia de Moraes, do Reisado Alagoano. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=f7sF13nhad4>. Acesso em 20 de março de 2021.

*Escolho trazer as citações de cunho poético em itálico, com entrelinha simples e recuo diferente a cada citação, seguindo a diagramação que melhor se aplique no trecho do trabalho em questão. Também escolho fazer referência ao nome completo dos autores nos parênteses, juntamente ao ano da obra acessada.

*Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.*

Como desencantá-la?

*É a senha da vida
a senha do mundo.*

Vou procurá-la.

*Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.*

*Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.*

*Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.*

(Carlos Drummond de Andrade, 1997)

Resumo

Esta pesquisa configura-se como uma narrativa da experiência de escuta e observação com crianças, a partir da abordagem antropológica. Busca ser um espaço de compartilhamento dos bastidores desta prática, trazendo à luz do que aqui se apresenta como resultado final (mesmo com a constatação de que este processo não se fecha em si) as descrições, leituras interpretativas e reflexões frutificadas do precioso encontro com os sujeitos de pesquisa e demais atores sociais que contribuíram para este trabalho, mas agregando também a este conteúdo conceitual a confissão íntima dos sentimentos, vulnerabilidades e transformações vivenciados por esta pesquisadora ao longo de todo o seu desenvolvimento, desde a concepção até a urdidura das palavras, amarrando e trazendo para a concretude da escrita os fios de toda a travessia.

Palavras-chave: Narrativa. Bastidores. Escuta. Obsevação.

Abstract

This research is set up as a narrative from the experience of listening and observing children through the anthropological approach. It aims to work as a space for sharing the backstage process of this practice, highlighting to what is presented here as a final result (even though it was recognized that this process does not enclose itself) the descriptions, interpretative readings and reflections engendered by the precious encounter with the research subjects and all other social actors that contributed to this work, but also adding the intimate confession of feelings, vulnerabilities and transformations lived by this researcher through her development to this conceptual content, from its conception to the words' texture, tying the strings of the whole crossing and bringing them to concreteness.

Keywords: Narrative. Backstage. Hearing. Observation.

Fio a Fio

Deixa eu te contar!	09
Um pouco mais... ..	10
lançando o fio da meada	13
Vindos os passos	15
Ponte a ponte	20
Quem conta um conto... ..	24
Emredando a trama	28
Entremeada	31
ABCDiário:	35
Achados da travessia	68
Ser ou não ser aceita	68
Tentativa de invisibilidade	77
Ampliando sentidos e sentido	80
Escutatória	83
Jantar narrativas	85
Uma história sem ponte final	91
Fiando junto	96

Deixa eu te contar!

Este é o primeiro passo. O primeiro de uma escolha pela travessia. É também um respiro. Aquele que antecede a palavra, mas que nela também não se apega e não a tem como fim, mas antes como uma ponte, uma janela aberta.

Cresci demasiado silenciosa, talvez por isto hoje vivo buscando palavras para contar o mundo e fiz deste meu ofício e minha escolha de ser e estar nesta existência. Talvez por isto celebre da mesma forma o silêncio, acreditando que o tempo todo tanto está sendo dito nos corpos, nas cores, no tempo, e às vezes também não há nada, e isto é muito!

Cresci demasiado sozinha, talvez por isto hoje me desdubro em muitas escolhas, muitos sonhos, muitos caminhos, muitos amigos, e deseje muitos encontros, muitas tramas, muitos filhos, muitas histórias... Me misturo e me acho constantemente e, de fato, quando melhor me encontro é quando estou entre as crianças. Aprendendo seus brinquedos; curiando suas múltiplas linguagens; constatando como são grandiosos perto de mim; sofrendo pela minha escassez de tempo, presença e flexibilidade; e também fazendo deste convívio matéria para minha criação artística.

A trajetória que me conduziu ao encontro com as crianças, mesmo antes que eu soubesse, sempre foi também a busca do reencontro comigo mesma, “uma vez que a descoberta do outro é sempre a descoberta de si mesmo”, como afirma a antropóloga Emilene Leite de Sousa (2017, p. 26).

E hoje, diante dos tantos questionamentos pessoais de caminhos e escolhas, conceituações, infinitos receios por ter uma formação diversa e enfrentamentos decorrentes do contexto pandêmico que vivemos, é exatamente este reencontro que norteia a caminhada desta pesquisa. Eu, contadora de histórias, em busca das palavras que me ajudem a ler e tentar contar dos encontros com as crianças. Que seja espaço de afeto, de intercâmbio, de compromisso, e que se traduza também para bons encontros. Desenvolvida em prosa ou poesia, dançando em melodias, curiosa, vestida por vezes mais com perguntas do que com respostas, aprendendo seu lugar de ser silêncio e espera para dar voz aos encontros com meninas e

meninos, que seja a mais genuína palavra da minha experiência. Que seja ponte e também travessia! Ave, Palavra!²

Este é sim um estender de mão à menina que eu fui, que tanto e tanto se salvou na própria imaginação e que experimentou tantas vezes a dimensão infinita de tempo e espaço contida nas brincadeiras e nas narrativas criadas por ela. Mas que também muito espiou por entre brechas das grades do portão e se arriscou pulando muros em quintais vizinhos, e que por tudo isto deseja diálogos, reflexões, tremores, diferenças, perguntas, escutas e trocas.

E se de algum modo o encontro com este território “onde fui” potencializar a força do meu encontro com as crianças no que “hoje sou” e me auxiliar nos direcionamentos desta prática de ouvi-las, observá-las e intencionar caminhos para sua autonomia e a escuta de suas vozes, então se engendra o propósito desta pesquisa e toma ainda maior vastidão dentro de mim os espaços sonhados para sua feitura. E serão tantas as histórias a contar e ainda mais encontros a buscar.

*Um pouco mais...
Abrindo portas deste e de outros
tempo e espaços*

Vou pedindo licença, espiando por frestas, encontrando caminhos... abrindo portas (De casa? De mim mesma? Não sei!). Talvez baús, caixas, relicários, diários.

Encontro a menina que fui sentada na varanda da casa da avó. Entre samambaias, antúrios, comigo-ninguém-pode e azedinhas... lá estava a cabana feita com a junção das cadeiras de ferro deitadas: suas costas se uniam em arredondado teto; os braços eram o portal de entrada; e as almofadas ficavam bem centralizadas no chão abaixo, fazendo as vezes de colchão, tapete, mesa e todas as infinitas possibilidades para minha vasta imaginação e entrega para tudo aquilo.

Filha única, eu brinquei muito com duas primas da mesma idade, mas aquele espaço-tempo, espaço-templo da varanda era um território particular. Quando estávamos juntas buscávamos outras brenhas, guiadas pela união de nossa

² Referencio o título do livro “Ave, palavra”, de João Guimarães Rosa, obra póstuma composta por textos de vários gêneros, de qualidade regular, que serviria de matéria prima para o autor desenvolver outros textos.

curiosidade e a festa do encontro. Quanta alegria! E na hora da despedida (hora que sempre chegava rápido demais), era cada uma pra sua casa, quer dizer, as duas irmãs para a casa delas e eu permanecia, mais um tanto ali na casa da avó, esperando a mãe que chegaria bem tarde do(s) trabalho(s).

Era certa a volta para a varanda. O frescor do piso frio, o desafio de pular a maior quantidade possível dos lindos desenhos impressos nos ladrilhos antigos, o cuidado para não quebrar as plantas e os vasos (o perigo de adentrar um espaço proibido pelo imenso apreço dos adultos), a investigação minuciosa dos bichos, o despertar para o chamado da avó ou a descoberta do momento certo de entrar pelo cheiro da comida ou algum ruído dentro da casa. E havia ainda as grades: uma fileira generosa, difícil de escalar e lindamente sonora de grades verticais, separando a varanda do mundo lá fora. E por lá eu espiava o mundo! Entre brechas.

Dali mesmo, apesar dos limites impostos pela concreta existência do muro e das próprias grades, era onde tudo escapava e criava asas. Meu rosto e pequeno corpo espremidos bem junto ao gradeado, desejosos de vasculhar o além daquele meu mundo. Olhos radares, seguindo os movimentos de fora; ouvidos capturando os estímulos e criando as imagens do que era ouvido, brincando com aquela adivinha infinita... o que era, o que era?! Todos os sentidos aguçados e curiosos.

Lembro o quanto eu criava a partir da matéria-prima oferecida: se eu via a parte de algo, devaneava a continuidade daquilo, uma história que coubesse no meu gosto. Ou me divertia vendo metades, o todo contido na parte, o assimétrico da vida.

O tempo desenrolava-se, imponderável, cúmplice dos meus fazeres. Mesmo quando era curto no relógio, era total. Curiosamente, ali eu não sentia o correr das horas e a interrupção do brincar, como quando estava com as primas. Parece-me algo tão meu que não findava, levado sempre comigo, meu relicário de afetos.

Aquele era tempo e espaço de celebrar cotidianamente a própria incompletude. Nada faltava e tudo cabia ali.

Vacilou e, com aquela voz neutra, impessoal, a que costumamos recorrer para confiar algo muito íntimo, disse que, para terminar o poema, a casa era indispensável, pois num canto do porão havia um Aleph. Esclareceu que um Aleph é um dos pontos do espaço que contém todos os pontos.

– Está no porão da sala de jantar – explicou, com a dicção acelerada pela angústia. – E meu, é meu: eu o descobri quando criança, antes da idade escolar. A escada do porão é empinada, meus tios tinham me proibido de descer, mas alguém me disse que havia um mundo no porão.

Estava se referindo, só soube depois, a um baú, mas eu compreendi que havia um mundo. Desci secretamente, rolei pela escada proibida, caí. Ao abrir os olhos, vi o Aleph.

– O Aleph? – repeti.
 – Sim, o lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do planeta, vistos de todos os ângulos. Não revelei a ninguém minha descoberta, mas voltei. O menino não podia compreender que esse privilégio lhe fora concedido para que o homem burilasse o poema!
 (Jorge Luís Borges, 2008)

Sim, arrisco dizer, que ali também eu aprendi a “burilar o poema”. Em palavras da avó “peguei gosto” por estes mundos infinitos. Ali, naquela feliz solitude.

Talvez fosse o escape ante o sentimento de solidão e saudade do pai que há anos foi de onde nunca estive; e da mãe que assumindo o fardo que sempre teve, agora de papel passado, não podia se dar ao luxo de estar, de ficar, de não trabalhar tanto e sempre? Sim. Como não ser também um escape? De todo modo, agradeço com todo meu ser, pois a única certeza é que, com a mesma proporção, tudo o que celebro do que foi minha infância e tudo o que combato do que foi minha infância, são motivos para minha escolha de estar aqui e trilhar este caminho.

*Em todos nós, o universo plantou
 uma semente subliminal
 que não morre, não se afunda
 em lágrimas, não vive de alimentos,
 não se encanta com flores
 (Tina Mucavele, 2013)*

Não à toa, hoje, quando esta pesquisa se alinha para tomar forma e ganhar corpo, chego exatamente em frente a gradeados e portões de outras crianças. Corpos que estão neste momento isolados (como o meu antes e hoje) do convívio com seus pares em outros ambientes, que não o familiar. Olhares curiosos, espreitando grades, muitas vezes descumprindo os adultos pedidos de manterem a distância das grades e das outras pessoas que por lá passam.

Proponho-me a observar também por brechas, agora de fora para dentro. E uma vez mais aguçar os sentidos, viver esta experiência através do corpo e, posteriormente, através das palavras que traduzam e reflitam esta travessia.

Tomando os devidos cuidados de distanciamento externo, mas também cuidando das projeções internas e do meu devaneio criativo, uso de minha invencionice para trazer meu Eu mais Contador de Histórias nesta narrativa que é um processo criativo em si, mas com todo respeito e ética na observação das experiências particulares de cada criança que me deu a mão nesta pesquisa, inclusive minha criança interior.

bançando o fio da meada

Acredito imensamente nos encontros. Como o encontro com o outro mostra quem somos nós, consciência e identidade construídas no que reconhecemos e no que nos diferenciamos.

Acredito também na constância deste reconhecer-se e ser formado por toda vida, desde o bebê, que chega ao mundo e com o toque da mãe aprende do próprio corpo, formas, limites e tanto mais... até cada um de nós, adultos, atravessados constantemente pelas experiências e constituídos de forma continuada.

A vida é um movimento não de encerramento, mas de abertura, que ultrapassa continuamente qualquer fim que possa ser colocado diante dela. Assim, nosso equipamento para a vida, incluindo as técnicas do corpo e os hábitos da mente, não está dado, mas é forjado continuamente no cadinho das atividades conduzidas com ou junto a outros. (INGOLD, 2019, p.29)

Assim sinto que fui me constituindo e reconhecendo a cada aula e encontro com os professores, as coordenadoras e os companheiros alunos da pós “A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias”.

Num espaço de total acolhimento, respeito e estímulo aos caminhos que verdadeiramente resplandessem em cada um de nós, aspirantes pesquisadores das infâncias, vindos de diversas atuações, eu logo refleti/fui provocada/percebi/construí/reconheci/assumi minha profunda relação com o *Tempo*. Nas vivências e reflexões propostas em aulas, nas trocas feitas isoladamente com algum (a) colega de turma e até mesmo nos desabafos e risos da pausa para o café, sempre saltava à frente do meu discurso os elementos rítmicos, as repetições, e ainda mais, a dimensão de suspensão (alargamento ou estreitamento) do tempo e do espaço contida no brincar e nas narrativas das crianças.

Esta percepção é viva em meu corpo, eu a experimentei muitas vezes, inclusive na vida adulta, nos inúmeros momentos que ouvi e/ou contei uma história (o tempo sem tempo); no quanto já brinquei e brinco entre crianças e adultos de muitos chãos; nos giros, toadas, troças e batalhões onde já cantei, dancei, toquei e tanto aprendi em vivência com mestres e comunidades de manifestações tradicionais do nosso país. Quando criança, então! Nossa! Incalculáveis lembranças.

Meu corpo-memória tem gravada esta feliz sensação que se aprofunda e renova com o passar dos anos e novas experiências.

Foi então muito orgânica a decisão de observar exatamente como este fenômeno ocorria nos corpos de diferentes crianças; nas diferentes formas de manifestação, em expressões verbais e não verbais que elas poderiam apresentar. E ao mesmo tempo buscar e aprofundar estudos e referências sobre o tema, criar conteúdo, trazer para o campo das ideias aquilo que o corpo registrava, mas que até então eu não conseguia discorrer para além do campo poético.

Iniciei planejamentos de estar entre as crianças das comunidades por onde eu já tinha vínculos, viajar para diferentes lugares, encontrar as crianças que brincam pelas ruas de forma livre e espontânea, sem tanta supervisão dos adultos. Mas logo veio o baque da pandemia e esta possibilidade tornou-se inviável.

O enfrentamento externo rapidamente se tornou interno e estagnei diante do único caminho possível naquele momento, adequar o trabalho para o formato virtual. Este caminho não entrava no meu coração... e assim foram meses. Pensei: aproveitarei este tempo para leituras dos conteúdos teóricos que não conheço tanto, visto que sou de outra área e não sei isto, não estudei aquilo... lá estava eu olhando para o que me faltava e me distanciando do elemento fundamental que moveu minha investida pessoal nesta formação: aprender caminhos e exercitar o olhar antropológico com ética e respeito às crianças, cuidando das projeções das minhas próprias emoções e referências, mas sem me isentar, atravessada por quem sou, vivenciando toda a possibilidade de afeto e diálogo a cada encontro, falando deste lugar de onde observo, que sou eu mesma.

Enfim, com o amontoado de “poréns” que eu mesma coloquei ao redor, estava me distanciando do que imensamente admiro neste caminho e nesta formação: uma porta muito aberta para eu ser eu mesma.

Em diálogo com Renata Meirelles, minha orientadora neste trabalho, sempre de um lugar muito acolhedor e generoso, recebi o convite para me nutrir um pouco com outros conteúdos, experiências de outros pesquisadores dedicados às infâncias, histórias e publicações que me brilhavam os olhos, onde eu já me identificava e me reconhecia, práticas repletas de fluidez com minha própria ação.

E que fique registrado aqui minha profunda admiração e gratidão a esta atuação e disponibilidade em orientar, para além da própria atribuição da orientação acadêmica, mas num espaço de doação e escuta sensível com todo o ser,

apontando as potencialidades percebidas no outro ser que ali se apresenta (repleto de inquietações, querereres, impulsos) e iluminando caminhos.

Assim, dediquei-me a reencontrar os registros de Genifer Gerhardt, Gabriela Romeu, Lydia Hortélio, Maria Amélia Pinho Pereira (a Péo), Adriana Friedmann, Soraia Chung Saura, Selma Maria, Lucilene Silva, Sandra Eckschmidt e da própria Renata Meirelles, e no encantamento desta renovada leitura, acendeu-se em mim a inventividade a partir do caminho possível no aqui e agora: observar as crianças da cidade onde moro, alargando tempos e espaços nos locais que elas possuem em suas casas, neste momento de isolamento. Garantindo as medidas necessárias de segurança, propus-me a observar do lado de fora das casas (nas calçadas) as crianças que brincavam em seus quintais, corredores, garagens, alpendres.

Pareceu-me ainda mais interessante esta proposta! Já que eu desejava exatamente observar como a criança, com seu imaginário, redimensiona e vivencia o alargamento de espaços e tempos em suas brincadeiras e narrativas, melhor ainda seria observá-las em espaços pequenos e restritos. “Liberdade caça jeito”, já havia me provocado a poesia de Manoel de Barros (2013).

Undinde os passos

Morando em um município pequeno, para onde me mudei há pouco tempo e não tenho conhecidos, arrisquei entrar em contato com o grupo de aula remota da escola pública onde matriculei meu filho. Ele teve somente um mês de aula presencial, então o grupo de pais funcionava como canal para recados e atividades.

Preparei uma mensagem bem bonita e respeitosa, contando sobre a pós, a proposta da pesquisa, e me dispondo a qualquer esclarecimento de dúvidas:

Apresentei-me como mãe do Benjamim, contei que era contadora de histórias e há alguns anos me dedicava a trabalhos relacionados ao brincar e música tradicional da infância, tendo inclusive como foco de minhas criações artísticas este público (reforcei citando que antes do início da pandemia apresentei um espetáculo musical de carnaval para crianças, na praça referência no município- será que estiveram por lá?).

Em seguida contava do ingresso na pós “A vez e a voz das crianças”, como escolha de aprofundar meu trabalho e aprender novos caminhos para este propósito detalhando que o encaminhamento para encerrar este ciclo era um “Trabalho de Conclusão de Curso”, a realização de uma pesquisa individual junto às crianças.

Chegava, enfim, à narrativa do tema norteador da pesquisa - observar o alargamento do tempo e espaço tão característico nos brincarés e narrativas das crianças- informando ainda que, inicialmente, esta pesquisa seria desenvolvida em comunidades por onde já estive, onde as crianças brincavam livremente pelas ruas e espaços, mas que, devido ao momento de isolamento, foi adequada para a observação das crianças em suas casas, nos espaços onde brincavam, de qualquer tamanho, o que fazia ainda mais sentido, já que eu desejava exatamente observar como a criança, com seu imaginário, redimensiona estes espaços com suas brincadeiras, narrativas e objetos.

Terminava com o pedido de observar seu filho ou filha, garantindo que as medidas de segurança seriam tomadas e que eu pretendia observar a criança da calçada da casa.

Por fim, anexava dois vídeos do meu trabalho artístico com as crianças.

Enviei individualmente para 09 mães do grupo: 01 me respondeu de pronto, carinhosa e disponível, lembrando que havia assistido ao meu espetáculo no museu da cidade; 02 ouviram e responderam que ouviriam com calma e responderiam em breve... não retornaram até hoje; 02 ouviram e não se manifestaram; 03 ainda não visualizaram a mensagem; e 01 quem respondeu foi o marido, contando que gostaria de ajudar, mas que a esposa havia falecido em decorrência do Covid-19 e que as duas filhas agora estavam aos cuidados da avó. Fiquei devastada!

No fim das contas só consegui a anuência de uma das mães, ainda assim porque já havia um vínculo criado anteriormente. Compreendi a situação, ainda mais no momento vivido mundialmente, mas não pude deixar de refletir sobre a forma isolada que estamos vivendo, sobretudo nas cidades. Partindo da abertura e recepção vivenciada nas comunidades onde estive por todo o Brasil, nos interiores paulista, mineiro e pernambucano, e a referência de coletividade experimentada ali, nas trocas e transmissões de histórias a que me propunha, constatei assustada a dificuldade de acessar os espaços e as pessoas.

Seria um fato exclusivo da pandemia? Seria característica dos centros urbanos? Acredito que as duas perguntas têm resposta positiva e contribuem significativamente para este enfrentamento - que estamos todos experimentando esferas profundas de medo e limites do risco (particularmente, como mãe, durante a pandemia, permiti pouco ou nenhum acesso aos meus filhos- ainda assim, somente a familiares); e que é uma realidade a ser considerada que grande parte das famílias dos centros urbanos organiza-se de forma mais isolada, tendo a criação das

crianças fechada no próprio núcleo familiar, estendendo-se apenas ao convívio no ambiente escolar.

Acrescenta-se ainda a estas duas possibilidades, uma terceira, que só pude levantar após iniciar o trabalho de campo e acessar os territórios das crianças e das famílias anuentes a esta pesquisa: o receio de que, com a entrada de alguém estranho àquele núcleo de convívio e uma observação tão constante e aprofundada como se propõe a pesquisa antropológica, houvesse qualquer julgamento de como era aquela rotina familiar e o quanto aquela(s) criança(s) era(m) acolhida(s) em seus desejos e singularidades.

Ora! Se estamos exatamente imbuídos num trabalho que propõe profunda dedicação e fomento de espaços e tempos onde as crianças tenham vez e voz, e vivam suas infâncias com autonomia e respeito, é exatamente porque nossa sociedade tão centrada nos adultos, ainda não garante a fruição deste que é um direito dos pequenos. Tal realidade pode intensificar-se neste momento em que muitos de nós estão em *home office*, na busca de equilibrar as diversas atribuições da casa, do trabalho e do conteúdo escolar de nossas crianças (e talvez nossos também). Em diferentes níveis, diante desta constatação é inevitável sentimentos de falha por parte dos pais. Mais uma vez, incluo-me nesta realidade. Quantas vezes, para conseguir me dedicar a esta escrita, tive que privar meus filhos de ações que eles verdadeiramente desejavam, em troca de algo mais silencioso?! Muitas!

Em tempo, tal afirmação me foi desabafada por duas mães que, posteriormente e em outro município, aceitaram contribuir com este trabalho e em nada representa um julgamento daquelas que não aceitaram por este motivo, ou qualquer outro que pude ou não identificar. Obviamente, o trabalho de pesquisa não objetiva debruçar-se em nada além do previamente proposto, com enfoque nas experiências das crianças. E quando a observação aborda também as interações das crianças com seus pares e/ou adultos ambientes, em nada ela é caracterizada ou conduzida pelo viés do julgamento.

Logicamente, agrega-se ainda como possibilidade de negativa de retorno e adesão a este trabalho, o desinteresse ou desacordo com a temática proposta e/ou formato previsto, ou ainda, a não concordância com a relevância da própria pesquisa a ser desenvolvida.

Não é foco desta investigação o aprofundamento das interpretações acerca destes supostos motivos para a não adesão e dificuldade de acesso às crianças,

sujeitos de pesquisa deste trabalho. Mas antes, que as intempéries sejam narradas como parte integrante da própria construção da pesquisa, sendo os percalços importantes balizadores para a avaliação e contornos de caminhos escolhidos na experiência e no resultado alcançado. Do mesmo modo, são significativas as descrições acerca dos caminhos encontrados para contornar tais intempéries.

Sua coragem é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir.

...

*O caminho lento aumenta sua coragem secreta. E de repente ela se deixa cobrir pela primeira onda
(Clarice Lispector, 1998)*

Acolhidas as dificuldades vivenciadas até o momento, acesso outras possibilidades e arrisco entrar em contato com duas educadoras e mães do município vizinho. Embora tenhamos um vínculo profissional e admiração mútua, não sou tão próxima delas e de suas filhas, o que me permitiria um olhar imparcial.

É válido ressaltar que até este momento eu não tinha estruturado nenhum método para estes encontros/escutas/observações. Estava completamente movida pela busca de acesso àquelas crianças e acolhendo um estado de disponibilidade para mais uma vez modificar a própria trajetória da pesquisa, se fosse necessário.

Com alívio, recebi um retorno positivo de ambas.

E assim, a partir de vínculos afetivos já consolidados (com os adultos) consegui o acesso inicial às crianças. Sigo para o contato, busca de permissão e vínculo com as próprias crianças. Peço licença, silêncio e adentro nesse espaço que, já sentia, seria de muito aprendizado.

Somando-se à alegria de encontrar os sujeitos de pesquisas que comporiam comigo esta empreitada, fui ainda presenteada com a possibilidade de escutar, através do muro de minha casa, a riqueza de sonoridades produzidas por uma criança vizinha, que diariamente brinca sozinha no quintal do fundo de sua casa. Desde que me mudei para a casa onde moro (já em pandemia), tenho acompanhado o seu brincar e investigações diversas, tendo inclusive desenvolvido escritos poéticos sobre ele. Em encantamento e busca de possibilidades, questioneei minha orientadora neste trabalho sobre a possibilidade de uma pesquisa conduzida apenas pela escuta, visto que a maioria das ações eu não poderia precisar qual era, por não ver. Ela respondeu com celebração e me convidou a desenvolver em escrita

minuciosa cada um dos fenômenos que escutava, trazendo detalhes do que eu acreditava ser cada som advindo das ações do menino. Assim, pude descobrir um caminho que estava bem ao meu lado, e me comprometi com esta forma diferente e aprofundada de escuta, sem o recurso visual como suposta garantia.

*O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia.
(João Guimarães Rosa, 2001)*

Ao iniciar as idas a campo, como era esperado, mas nunca dimensionado, senti de fato a experiência que se faz somente através do encontro com as crianças. Se a travessia desta narrativa iniciou-se com tudo que compartilhei até aqui, proponho a analogia deste momento anterior como a decisão de viajar, a escolha do destino e toda a preparação para tal (processo essencial e fundador da própria viagem). Mas o trabalho de campo era “a” viagem, corpo em ação, atravessado pelo turbilhão de sensações, sentimentos, descobertas, ensinamentos, sonhos e tantas transformações que, na maioria das vezes, só serão assimiladas, quiçá traduzidas, na volta para casa, em espaço de repouso e reflexão acerca da experiência.

“Para o homem não existem alternativas senão experimentar o mundo, ser atravessado e transformado permanentemente por ele. O mundo é a emanação de um corpo que o penetra. Um vai e vem instaura-se entre sensação das coisas e sensação de si.” (Le Breton, 2016, p.11). Encontro nas palavras do sociólogo e antropólogo David Le Breton, o que promoveu em mim os encontros com as crianças.

E foi tão potente esta experimentação que, movida por ela, o início do processo de escrita e interpretação de minha pesquisa configurou-se também transformado em seu fio norteador, na tradução do que foi ouvido e observado, em seus apontamentos, na escolha narrativa. Assim, a pesquisa que se iniciou visando discorrer sobre “*a dimensão de suspensão do tempo e espaço contido no brincar e nas narrativas das crianças*” tornou-se “*uma narrativa dos bastidores da escuta e observação com as crianças*”, o amarrar das palavras que traduzam esta experiência, que me fez mais uma vez, inclusive, sentir a dimensão de suspensão do tempo e espaço vivida quando nos permitimos verdadeiramente ser afetados pelos encontros com as crianças.

Ponte a ponte

Bastidor

Significado de Bastidor³

substantivo masculino

Aparelho para bordar, composto de um caixilho de pau com tiras de lonas que sustentam e retesam o estojo por bordar.

Nos teatros, cada um dos caixilhos móveis em que se pregam os painéis e cenas laterais dos cenários.

substantivo masculino plural

Os espaços entre estes caixilhos ou cenas, e, p. ext., toda a parte das instalações do palco que não se vê da plateia: ir aos bastidores cumprimentar os artistas.

[Figurado] *Intrigas, enredos e tramas íntimas, particulares ou que não vêm a público: os bastidores da política, por exemplo.*

Esta pesquisa tem por objetivo configurar-se em uma narrativa da experiência de escuta e observação com crianças. Busca ser um espaço de compartilhamento dos bastidores desta prática, trazendo à luz do que aqui se apresenta como resultado final (mesmo com a constatação de que este processo não se fecha em si) a descrição, leitura interpretativa e reflexões frutificadas do precioso encontro com os sujeitos de pesquisa e demais atores sociais que contribuíram para este trabalho, mas agregando também a este conteúdo a confissão íntima dos sentimentos e transformações experimentados por mim ao longo de todo seu desenvolvimento, desde a concepção até a urdidura das palavras, amarrando e trazendo para a concretude da escrita os fios de toda a travessia.

Em cada uma das etapas compartilhadas, o mote da narrativa serão as constatações, desabafos, desapegos, questionamentos, aprendizados e atravessamentos vivenciados, despertados no exato momento do encontro com as crianças, ou no processo posterior aos encontros, no exercício de relatar e traduzir cada observação, escuta e minhas próprias sensações, em palavras.

³ Fonte: Dicionário Online de Português- Disponível em <https://www.dicio.com.br/bastidor/>. Acesso em 02/04/2021.

Recorro a uma abordagem antropológica. Ancoro-me em conceitos de pensadores, autores e mestres de referência da Antropologia (Adriana Friedmann, Clarice Cohn, David Le Breton, Emilene Leite de Sousa e Tim Ingold) e também de outras áreas de conhecimento e linguagens artísticas como a Filosofia (Walter Benjamin), a Educação (Jorge Larrosa e Luiza Christov), a Música (Lydia Hortélio), o Audiovisual (David Reeks e Renata Meirelles), como forma de diálogo e argumentação aos questionamentos que se apresentaram e às reflexões levantadas. Na construção do fio narrativo da escrita, em interlocução com minha própria atuação, utilizo o repertório pessoal de nomenclaturas e caminhos presentes na prática de Contação de Histórias, além de inspirações de falas de outros Contadores, que também referencio em momentos pertinentes ao conteúdo descrito.

“A antropologia é uma ciência que não tem suas técnicas predeterminadas rigidamente, sendo necessário escolhê-las a cada vez, conforme as características e natureza dos problemas, construídos abstratamente pelo pesquisador, e que conformam o próprio objeto de estudo” (Sousa, 2015, p.141 e 142). Assim, nesta primeira incursão como pesquisadora, escolho como método de interação na pesquisa com as crianças a observação direta, adentrando em seus espaços de residência, no contexto familiar de cada uma, e participando de seus universos a partir de sua prévia aceitação. E no caso do processo de escuta do meu pequeno vizinho, dediquei-me na escuta atenta e descrição minuciosa de suas ações, trazendo detalhes, qualidade e demais características das sonoridades advindas do brincar do seu brincar. Realizei as escutas por trinta dias consecutivos, registrando as dinâmicas sonoras do menino em seu território.

Diário de campo, registro fotográfico e registros sonoros são as ferramentas inicialmente escolhidas para uso. Entretanto, com a prática efetiva da pesquisa em campo, o recurso fotográfico para registro das ações das crianças apresentou-se excessivamente invasivo, visto que os territórios eram espaços íntimos e pequenos, dentro das casas, o que criava uma relação de percepção delas a qualquer movimentação minha. A utilização de uma ferramenta que causasse o mínimo alvoroço me distanciaria ainda mais dos movimentos espontâneos almejados e só interromperia o fluxo de impulsos das crianças ao trazer o foco para mim. Havia também a questão temporal, pois os encontros neste momento de extremo cuidado e distanciamento não poderiam se estender tanto até que as crianças abandonassem a euforia pela presença da máquina fotográfica.

Optei em trazer a imagem das crianças a partir de autorretratos de cada uma delas. A ideia surgiu quando, em um dos encontros, uma das crianças usou minha caneta para desenhar, e em seguida me presenteou com o desenho. Foi bastante significativa para mim esta manifestação espontânea de criação, de registro e claro, de afeto, acendendo-me o desejo de trazer cada criança para este trabalho também desta forma. Minha intenção era propor os autorretratos nos encontros finais com cada uma delas, mas não foi possível, pois logo tivemos um novo decreto de lockdown pelo agravamento da pandemia. Ainda assim, fiz o convite por telefone e através das mães, também como tentativa de amenizar a ruptura da prevista rotina de visitas e manter a criação de vínculo entre nós. Fiquei feliz quando aceitaram.

Sobre esta reorganização das ferramentas utilizadas em campo, compartilho detalhes que considero relevante a esta narrativa de bastidores e luz aos sentimentos que me atravessaram: diante da impossibilidade de fotografar, de imediato, fiquei muito frustrada. Eu havia liberado a memória do meu celular, sempre cheio e travado, e conseguido uma câmera fotográfica semiprofissional emprestada. Para a proposta de fotografar as crianças das calçadas de suas casas, ganhava o recurso de aproximar-me delas, ao menos pelo zoom da máquina. Mas, ao adentrar o campo, fui convidada por cada mãe a entrar um pouco mais até a sala, corredor, varanda e até mesmo à “praça-quase-quintal” que ficava bem em frente uma das casas. Senti que nesta relação um a um com cada criança, em espaços restritos, nenhum dos dois equipamentos almejados seria utilizado. Foi um balde de água fria!

Sim! Apesar de todo ensinamento, conselhos e inúmeros relatos de experiência por parte de cada professor que esteve comigo nas aulas da pós-graduação. Apesar de todas as leituras, vídeos, escutas de *podcasts* temáticos. Apesar da plena consciência da impossibilidade de prever o que acontecerá nas pesquisas com as crianças (e na própria vida). Apesar do meu discurso pedagógico, como formadora de contadores de histórias, reiterando o quanto é necessário que a preparação das histórias não se feche num formato hermético, mas, ao contrário, tenha espaços de “respiro” para o momento do encontro com os ouvintes e o maravilhoso inusitado. Sim! Apesar de tanto e sempre, me senti frustrada. Embora, rapidamente, resolvi e modifiquei os procedimentos das abordagens, só no decantar daquele sentimento - já envolta na elaboração textual - constatei que o uso de tal ferramenta era tido como imprescindível para mim porque eu desejava poder ver e rever as imagens tantas vezes fossem necessárias e tirar delas mais

elementos para a escrita, mas também percebi em mim uma idealização aos trabalhos de profissionais que admiro e que têm este registro como materialidade em sua forma de apresentar suas pesquisas ao mundo.

Frequentemente somos convidados a olhar e utilizar as nossas próprias potencialidades e recursos nas ações que empreendemos. Muitas vezes, a dúvida, o excesso de autocrítica ou qualquer outro motivo, consciente ou não, impede que acessemos com toda a força uma experiência rumo ao outro e a nós mesmos. Via de regra, qualquer processo criativo - no mais amplo sentido de colocar a criatividade humana em prática - tem imensuravelmente mais chance de dar certo e trazer satisfação e felicidade, se for desenvolvido a partir do que verdadeiramente reluz no ser que o empreende.

Com isto não quero dizer que o ideal seria optar somente pelo uso do que está dado e que facilmente dispomos, sem buscar o aperfeiçoamento ou acreditar no risco e no conhecimento que advém da continuidade das tentativas (aprender fazendo) - particularmente, desejo utilizar e aprender mecanismos de registro que acredito, bem como lapidar os que já desenvolvo - mas reflito sobre as projeções de um modo de fazer ou formato ideal de pesquisa e apresentação do trabalho, e o quanto tais projeções atravancam o próprio fazer.

No meu caso, a impossibilidade de utilizar um recurso visual, que com certeza seria agregador ao trabalho, me tirou de uma perspectiva idealizada e me convidou a apostar mais nas imagens que gravei dentro de mim na experiência vivida, na minha própria forma de escrever e na força da narrativa que conduz quem lê ao encontro de tais imagens. Carrego comigo a afirmação compartilhada pelo contador de histórias Giba Pedroza: “Contar histórias é a arte de fazer ver”.⁴

Para além do empoderamento de um modo de fazer e autoconhecimento assimilado, experiencio na prática da pesquisa antropológica a interligação e as diversas camadas (por vezes sutis) que compõem o trabalho de escuta e observação com crianças e o processo criativo neste campo de conhecimento. A modificação de um instrumento de trabalho em campo provocou o processo de escrita, que por sua vez, desenvolvido a partir de um novo fio disparador, possibilitou novos olhares ao material coletado em campo. E quantas descobertas ainda se revelarão ao longo do próprio processo de reflexão e elaboração do resultado desta

⁴ Comunicação oral de Giba Pedroza durante oficina ministrada por ele em Ribeirão Preto, em 2011.

pesquisa que, definitivamente, não se encerrará com respostas absolutas, mas com novos disparadores e diálogos.

Me desperta o entendimento de que os métodos e ferramentas para abordagem em campo devem ser selecionados com zelo a cada nova pesquisa, respeitando as características do grupo infantil abordado e das singularidades das crianças. E ainda, que ao longo de uma mesma pesquisa, eu esteja atenta à necessidade de abrir mãos das certezas, reinventar os caminhos e ferramentas, permitir novas técnicas e procedimentos. Deixar o espaço de “respiro” para o momento do encontro. O maravilhoso inusitado!

É válido ressaltar que este “deixar espaço para o respiro”, o momento do encontro e o inusitado são, em si, as essências do brincar e de outras formas de expressão das crianças. Deste modo, abrir espaço para a expansão destes elementos é também criar possibilidades para mergulhar no próprio fenômeno enquanto procedimento.

Quem conta um conto...

Contar uma história é também construir caminhos, inventar atalhos, selecionar imagens, desenhar lugares, narrar silêncios. Tudo isso requer não só o conhecimento da história que se deseja contar, mas a disposição em escolher os artefatos: métodos, técnicas e instrumentos através dos quais a história se torna passível de ser contada. (SOUSA, 2015, p.148)

Desenrolando um pouco mais os fios que enredam esta experiência, para a elaboração do processo de escrita escolhi a interlocução com meu ofício nas Artes da Cena e na Literatura. Sou contadora de histórias e, por diversos vieses, fui compondo esta trajetória em encontros preciosos que carrego comigo, no meu peito-relicário. Desde a benção de forjar-me pelos ensinamentos de uma avó; pelo aprendizado de honrar meus pais, por me darem a vida e, ao seu modo, me presentear com a força do trabalho e a alma livre; pelo privilégio da vivência com a generosa sabedoria dos mestres e comunidades de manifestações tradicionais do nosso país, para além dos períodos de “festejos” (Folias de Reis, Batuques de Umbigada, Cavalos Marinhos, Maracatus Rurais); e noutras comunidades rurais e urbanas onde já trabalhei em projetos socioculturais desde minha formação acadêmica (e na minha ingenuidade acreditava ensinar algo, quando era eu quem

mais aprendia); e ainda nos gratificantes encontros com pessoas, lugares e instituições para onde já me levaram o teatro, os livros, a leitura, a música da infância e as diversas criações artísticas.

O projeto que norteia e dá título a este meu propósito de vida, que é sobre contar, mas é também sobre ouvir, é o *Fio da Meada*, configurado num plano de ações vão de encontro a crianças, jovens, pessoas idosas, e possui também um espaço dedicado ao trabalho com mulheres e mães. São espetáculos, contação de histórias, intervenções, ocupações, biblioteca itinerante (minha bicicletoteca), encadernação cartonera, oficinas diversas... o cabedal de ações conhecidas por tantos artistas por aí, por prazer e também por questão de sobrevivência. Lanço este fio e com ele lanço-me inteira, com força de corpo e alma, co-movo-me.

Constatai que a mais genuína forma de tecer a escrita seria por este fio, pelo repertório de uma prática, utilizando elementos deste universo para impulsionar direcionamentos ou arrematá-los. E ainda, para os momentos em que não encontro nas minhas próprias palavras o fio desta narrativa, me salvo com o luxuoso auxílio da poesia e também de pequenos trechos em prosa literária de escritores que admiro: Mestra Virgínia de Moraes, Conceição Evaristo, Adélia Prado, Clarice Lispector, Tina Mucavele, Manoel de Barros, Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, Rubem Alves, Jorge Luis Borges, Italo Calvino, Miguel de Cervantes, Johann Wolfgang Von Goethe.

Assim configuro esta caminhada que chamei de Palavra Travessia, mas bem poderia ser Palavra Tecitura, um fio lançado em busca das palavras (inclusive as contidas nos gestos e no silêncio); depois tramado fora e dentro de mim, como ser de palavra que sou (somos); e desenrolado em mais palavras na sua materialidade.

Quem me dera alcançar com esta escrita um pouco do que a educadora Luiza Christov define como “escrita experiência” ao discorrer sobre a escrita acadêmica:

Uma escrita experiência que narre um encontro de perplexidade com o mundo, com alguma parte do mundo, de mundos. Que conte de um lugar, de um processo, de um produto, de uma técnica. Que articule metáforas, imagens, palavras e conversas, vozes, corpos e textos na busca de um projeto de intervenção /criação de realidades capazes de ampliar direitos, elos, vidas. Que não se expresse por si só, como dejetos, mas que seja texto convite. Mais que objetivo, que se torne um texto que convida para mais: conhecer mais, agir mais, aperfeiçoar mais, devir mais, servir mais a utopia de uma melhor forma de se estar junto. (CHRISTOV, 2016, p.02)

Não tenho a presunção das palavras certeiras ou dotadas de vasto conhecimento e rebusque, não as tenho, mas posso exatamente falar do lugar de onde sou atravessada, de forma simples e honesta. Interessa-me errar e acertar o quanto for preciso na busca de uma narrativa que seja capaz de “intercambiar experiências” (Benjamin, 1985, p.198). Me seguro na palavra, como origem, meio e destino, a própria travessia.

*Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria.
(Manoel de Barros, 2013)*

Não por acaso, também pelo que acredito ser a força infinita do que tem que ser quando imbuídos em algo que motiva cada um de nós, ao receber mais uma vez o olhar cúmplice a este trabalho, desta vez das coordenadoras do curso, Adriana Friedmann e Josca Baroukh, elas trouxeram novos convites acerca desta narrativa de bastidores. Em suas falas sempre tão generosas e acolhedoras, me estimularam a valorizar os vários significados da palavra bastidor: 1- o que normalmente não vem à público, como por exemplo os bastidores de uma pesquisa; 2- o espaço atrás do espaço cênico de um teatro (incluindo toda gente que faz a coisa acontecer também, mas não aparece em cena); e 3- aparelho para bordar, que sustenta e estica o tecido para o bordado dos fios. Este convite me contemplou e rapidamente acatei.

Assim, o fio da meada desta pesquisa e empreitada de vida, tramou-se nestas tantas possibilidades de bastidores, enredando esta narrativa pouco a pouco, ganhando maior sentido dentro e fora de mim neste flerte com os fazeres, artesanias e invencionices com a palavra e com as mãos.

Impossível não me remeter aos caminhos da própria narrativa, conforme descrito pelo filósofo Walter Benjamin:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (BENJAMIN, 1985, p.205)

Findo este capítulo dedicado ao compartilhar dos objetivos, caminhos metodológicos e ferramentas deste trabalho, mais uma vez aludindo às reflexões desenvolvidas por Sousa (2015), acerca da metodologia, métodos e instrumentos na pesquisa de campo com crianças. Nos escritos sobre sua pesquisa com as crianças Capuxu, no Sertão da Paraíba, Nordeste do Brasil, a autora compartilha que seu itinerário metodológico foi guiado por três categorias antropológicas: a imaginação, a criatividade e a ingenuidade, sendo tais recursos utilizados por ela para ultrapassar as barreiras presentes na pesquisa de campo e, posteriormente, no processo de escrita, defendendo, inclusive, que não acredita “ser possível a vivência plena dessa experiência em campo e o abandono dela no texto” (Sousa, 2015, p.159).

Dialogando com este itinerário em categorias, amplio minhas percepções sobre os caminhos metodológicos que nortearam minha ida ao campo e arrisco dizer que nesta pesquisa fui guiada também pela criatividade (como não agarrar-se nela se decidimos estar junto às crianças?), a disponibilidade e o desapego.

Confesso que foram necessárias bem mais reorganizações do que eu esperava. Confesso também que muitas e muitas vezes desistir me pareceu o melhor caminho. Conciliar a vivência deste momento da saúde mundial, com a rotina com filhos pequenos, trabalhos em casa, turbilhão emocional, e ainda a inerente expectativa de um processo de finalização de curso, não foi nada fácil. Mas mesmo nisto não me senti desamparada e encontrei espaços de troca e ânimo com meus colegas de aula (na mesma lida) e nas trocas com cada professor que, com sua prática e ensinamento, nos nutriu de mais encantamento na certeza desta jornada.

Com um desejo profundo de fazer dar certo e a confiança em seguir, mesmo para lugares não planejados, experimentei um pouco de outros ritmos e possibilidades, inclusive aqueles em que o desenrolar se faz por si só, na força da própria vida investida. Além de toda matéria-prima de escrita que esta experiência me proporcionou, ainda me projetou à expansão das minhas atitudes e despertou em mim um impulso diferente - talvez mais próximo aos das próprias crianças que estão sempre dispostas à mobilização - e por isto mesmo, mais coerente ao propósito deste trabalho.

Emredonda a trama

Felizmente, na atualidade, diversas áreas de conhecimento, linguagens artísticas e setores atentam-se e dedicam-se às crianças e aos diferentes grupos infantis, em busca de perceber, reconhecer e respeitar suas singularidades, tempos, culturas e linguagens. Apesar de ainda integrarmos uma sociedade “adultocêntrica”, podemos nos regozijar com as reflexões, práticas e produções de conteúdo acerca deste urgente chamado e, com isto, agir para somar forças nesta trajetória.

Nesta perspectiva, a antropóloga e educadora Adriana Friedmann, destaca a relevante colaboração da abordagem antropológica que “vem contribuir com novos conceitos e ações e tem trazido à tona as significações que as crianças atribuem aos diversos componentes dos estilos de vida que levam, considerando comportamentos, representações e contextos de naturezas múltiplas” (2018, p.5).

Ainda através das palavras de Friedmann, elucidado mais sobre a Antropologia:

Uma ciência social que estuda os seres humanos, a partir de um olhar sensível, orgânico, ‘microscópico’, observando os seus comportamentos, gestos, expressões, culturas, rituais, linguagens e temperamentos, que acontecem no cotidiano dos diversos grupos.” (FRIEDMANN, 2016, p.37).

Encontro também nos escritos da antropóloga Clarice Cohn palavras acerca da importância da abordagem antropológica nas pesquisas junto às crianças, já que nesta prática “precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista” e a própria Antropologia “desde seu nascimento, se dedica a entender o ponto de vista daqueles sobre quem e com quem fala.” (Cohn, 2005, p.08).

Na prática do trabalho antropológico, sobretudo nas pesquisas de campo, nos encontros com os sujeitos de pesquisa, somos convidados a adentrar em seus territórios e viver verdadeiramente esta experiência. Recomenda-se veementemente que este adentrar seja livre de apegos, certezas absolutas e imagens preconcebidas. Solicita de nós a disponibilidade em criar proximidade e conexões com os modos, pontos de vista, ritmos, práticas e representações deste outro que é observado. “Exige observação, sensibilidade, inteligência, imaginação, para fazer emergir a lógica própria da cultura que se descreve” (Sousa, 2015, p.149).

O enfoque de escutas poéticas e antropológicas das infâncias, fio norteador da pós-graduação onde se origina a proposta deste trabalho, tem como sujeitos de pesquisa as crianças, considerando que elas têm suas próprias culturas e linguagens, e manifestam-se por diversas expressões, verbais e não verbais, nos diferentes contextos, além de estarem em constante desenvolvimento. Tudo isto constitui maior complexidade e requer mais cuidado e disponibilidade.

“A razão pela qual a pesquisa com crianças demanda outro modelo de análise dos etnógrafos é o fato das crianças aprenderem do mundo e dizerem dele não através da oralidade, especificamente, mas através da experiência. Assim, a infância é caracterizada pela captura do mundo pela experiência e pela narração do mundo através de práticas. Esta particularidade exige do pesquisador que apreenda e dialogue com as crianças também através de suas práticas. O que se aprende através dos usos dos sentidos não pode ser ensinado através da oralidade. O pesquisador que almeja saber sobre as crianças deve apreender delas como elas apreendem do mundo: pela experiência.” (SOUSA, 2015, p.151)

Nos estudos para o fortalecimento do quadro conceitual deste trabalho, refleti, a partir de diferentes olhares, sobre como a Antropologia, constantemente, foi levada a rever seus métodos, sua instrumentalização e até mesmo seus conceitos fundamentais. Segundo o antropólogo Tim Ingold: “Seja como for, a antropologia será sempre uma disciplina em aberto: ela não pode se constituir de maneira mais definitiva do que a vida social da qual se ocupa.” (Ingold, 2019, p.08).

Adentro um pouco mais acerca destas revisões e foco nas que levantaram novas formulações para conceitos fundamentais da Antropologia, entre eles o conceito de cultura, acionando formas inovadoras do estudo das crianças, conforme panorama histórico apresentado por Cohn (2005).

Com a revisão do conceito de cultura, os antropólogos passam a apontar que “não são os valores costumes ou crenças que são os dados culturais, mas aquilo que os conforma e o que o conforma é uma lógica particular um sistema simbólico acionado pelos atores sociais a cada momento para dar sentido as suas experiências.”... “Rever a sociedade, implica rever também o papel do indivíduo dentro dela.” (Cohn, 2005, p.20).

A partir deste período, a criança foi percebida como um “sujeito social”, com papel ativo nas relações em que está inserida, não sendo apenas produzida por uma cultura, mas também produtora de cultura (tem autonomia cultural em relação aos

adultos) e reprodutora de cultura (esta autonomia parte do mesmo sistema simbólico compartilhado com os adultos).

Essas são revisões de conceitos-chave da antropologia. E, por isso, permitem que se vejam as crianças de uma maneira inteiramente nova. Ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo competências e formando sua personalidade social, passam a ter um papel ativo na definição da própria condição. Seres sociais plenos, ganham legitimidade como sujeitos nos estudos que são feitos sobre elas. (COHN, 2005, p.21).

É provável que esse processo de revisão seja inerente às diferentes disciplinas científicas e talvez seja ingenuidade minha investir tempo e linhas nesta reflexão, mas permito-me seguir, como forma de conectar a escolha de uma abordagem antropológica à experiência de escuta e observação com as crianças.

Na prática em campo, experimentei e senti no corpo esta reflexão. Percebi que precisava, por várias vezes, flexibilizar meus próprios procedimentos e fui totalmente conduzida pelo que propunham as crianças e a própria organicidade do encontro que se fazia ali. As crianças me traziam a certeza de algo que muitas vezes nos esquecemos no automático e apressado do cotidiano adulto: a vida não é estática. Mesmo na minha observação e escuta mais disponíveis e empáticas, por vezes, eu desejava que tal ação da criança durasse um pouco mais, se aprofundasse e me desse um material específico para este relato... mas não! “No campo, é preciso esperar para que as coisas aconteçam, e aceitar o que é oferecido quando lhe é oferecido.” (Ingold, 2019, p.12). Era exatamente o que era, na qualidade do fenômeno que se abria ali, na força e presença que eram precisas para o próprio fenômeno acontecer, para a coisa em si, e não para meu uso ou para responder “porquês”.

Rememoro a educadora e etnomusicóloga Lydia Hortélio que nos desperta frequentemente com sua prática e palavras sobre o brincar, defendendo que ele é em si, não tem motivo, é o imenso desejo de nosso corpo se expressar através da linguagem de movimento, de andarmos juntos, mão na mão, sendo felizes. Tento puxar na memória um provérbio que já a ouvi trazer como metáfora, contando da rosa, que ao brotar, desabrochar e perfumar, não se pergunta se nós gostamos ou não, ela simplesmente brota, desabrocha e perfuma. Ela também é em si.

Quem teve a sorte de brincar foi longe dentro de si mesmo. E trouxe à frente muita aspiração que estava encoberta. Quem não brincou, quanto daquele corpinho espera porque não veio à frente este volume do humano que está no corpo de cada um. Brincar é preciso. Vamos andar, mão na mão! Vamos brincar! Vamos ser feliz! (HORTÉLIO, 2020).⁵

Nos meus encontros com as crianças, o tempo todo, fui convidada a ver o desabrochar da vida, do desejo, da intenção, da investigação. Eu cheguei aos territórios daquelas crianças em busca da sua espontaneidade, mesmo sabendo o quanto a minha presença já interferiria nisto. Recebi muito mais, porque a grande descoberta foi desabrochar o meu próprio olhar e minha escuta para conseguir constatar este espontâneo, sem classificações, sem julgamentos prévios, sem a forma que eu desejava, mas o que era. Importante: escrevo isto agora, tempo passado e distanciado da própria experiência em campo, decantar necessário para assimilação e leitura de tantos sentimentos e sensações. Nos relatos do diário de campo, também serão apresentados os sentimentos pregressos.

A criança está o tempo todo em movimento (pelo seu próprio processo de desenvolvimento e crescimento, e também por seu impulso interno). As ferramentas, os métodos e o próprio arcabouço conceitual escolhido como campo de pesquisa estão em movimento. Por que eu não deveria estar?

O que de mais alto recebemos de Deus e da Natureza é a vida, o movimento de rotação em torno de si mesmo, o qual não conhece descanso, nem repouso. (Johann Wolfgang Von Goethe, 2007)

Entremeada

Escolho trazer nos parágrafos anteriores deste capítulo, de forma breve e simples, um pouco das apreensões das leituras sobre a trajetória da antropologia e a percepção da criança como ator social, bem como citar o empenho de diferentes segmentos e áreas em prol dos direitos das crianças, primeiramente para referenciar e reverenciar o caminho de quem se dedica nesta prática e contribui, inclusive, com a produção de conteúdos para os estudos de pesquisas como esta.

⁵ Comunicação Oral de Lydia Hortélio em aula virtual realizada em novembro de 2020.

Em seguida, mas com a mesma intensidade, para localizar-me aqui e agora, no momento em que, movida pelo desejo de enveredar-me cada vez mais nesta nova perspectiva de encontro com as crianças, para além das ações artísticas que sempre desenvolvi (com caráter por vezes propositivo), mas ao mesmo tempo tocada pelas inseguranças e inquietações do próprio processo da pesquisa, indago sobre o que justifica este trabalho. Qual seria a relevância destes caminhos que engatinho em aspiração a contribuir com o reconhecimento, autonomia e protagonismo das crianças? E qual a importância de uma narrativa tão enviesada por mim mesma, pelos meus próprios processos, mesmo que disparados pelos encontros com as crianças? Para além do cumprimento de uma atribuição de finalização da própria formação, mas no objetivo de minimamente fazer jus ao título que sua concretização me entrega. Qual seria?

*O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente naufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.
(Conceição Evaristo, 2017)*

Desde minha escolha em dedicar-me na escuta e observação com crianças, a cada encontro da pós e assimilação dos conteúdos também na vida cotidiana, fui sendo atravessada, entremeada no que se configura hoje como escrita. No momento da prática efetiva da pesquisa então, estando em campo e imbuída na escrita, esta tecitura conjunta multiplicou-se e ganhou força.

“A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura” (Larrosa, 2020, p.05). Inicialmente, relutei ao perceber que minha escrita era tão exposta, ainda mais nesta primeira experiência de escrita acadêmica. Depois, confirmei que não haveria como empenhar algo assim, adentrar no que há de sagrado dos territórios infantis, sem ser afetada. E ainda mais, não haveria como prever ou ignorar os caminhos que se apresentam no ato da travessia.

Lembro-me de Renata Meireles⁶ trazendo em aula “É do concreto, é do corpo vivencial que surgem os projetos”. Concordo demais! Além de trazer na trajetória artística o histórico de muitas empreitadas que se fizeram na ação e só depois mostraram sua forma, também experimentei nesta pesquisa exatamente este percurso: chegar a campo com um “mote inicial” que praticamente não apareceu nos meus registros e acompanhar o despontar de algo que pede para ser desenvolvido. Assim, ao iniciar a elaboração do texto, estavam nítidos os convites que os meus registros do diário de campo sinalizavam, trilhas a serem seguidas e aprofundadas em reflexão. E também foi reluzente uma forma de escrever onde o atravessamento desta experiência transbordava e por isto mesmo seria potente seguir também assumindo alguns aspectos que por vezes são retirados das narrativas resultantes das pesquisas. Constatei com muita felicidade que este era o melhor caminho a seguir com este trabalho. E, que alívio, finalmente definir um tema, esboçar um título, revisitar todo o material coletado enredando a trama a partir deste fio. E minha alegria estava selada também por não ser um caminho que escolhi somente pela lógica mental, no aperto do prazo, mas por ser algo ancorado também na intuição, nos insights, naquilo que a ação mostrou. Mais uma vez todo meu ser vibrou nos passos firmes na busca de ser cada vez mais o que o filósofo e educador Jorge Larrosa descreve como o Sujeito da Experiência:

O sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (LARROSA, 2020, p.25 e 26)

Reconhecendo, enfim, a consolidação de um caminho profícuo, após tantos tropeços, reafirmei esta escrita exposta e, mais que isto, minha própria exposição, um desejo de aprender a estar cada vez mais nesta “abertura essencial” no encontro com as crianças, confiando e acolhendo os riscos e atravessamentos.

A busca por esta abertura e disponibilidade aos afetos também dialoga com os preceitos da Antropologia dos Sentidos que “implica deixar-se imergir no mundo,

⁶ Comunicação Oral de Renata Meireles em aula ministrada na Pós-Graduação “A vez e a voz das crianças”, em abril de 2021.

estar dentro, não diante, e sem desistir de uma sensualidade que vem alimentar a escrita e a análise. O corpo é profusão do sensível. Ele é incluído no movimento das coisas e se mistura a elas com todos os seus sentidos” (Le Breton, 2016, p.11).

Como já aludi, este trabalho intenciona-se narrador de uma experiência, com conteúdo que expõe todo atravessamento, vulnerabilidade e transformação da pesquisadora a partir dos encontros com as crianças e as reflexões oriundas da escuta e observação das mesmas. Transformações éticas, metodológicas, de atitudes, do próprio olhar e da escuta, da postura, da consciência. Se esta pesquisadora integra o campo, afetando os territórios infantis, e almeja ser, com seus registros, mais um arauto ao chamado para a vez e as vozes destas crianças, então uma proposta que, ainda de forma inexperiente, convida à autorreflexão e desenvolvimento deste sujeito pesquisador, talvez encontre aí sua relevância.

O princípio da TOTALIDADE de um fenômeno social supõe a integração do observador no próprio campo de observação. Somos sujeitos observando outros sujeitos: o etnógrafo perturba determinadas situações com sua presença e é, ao mesmo tempo, perturbado por essa situação. O que o pesquisador vive em relação com seus interlocutores é parte da sua pesquisa. A Antropologia é também a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios. Fonte fecunda de conhecimento, a inclusão do observador, a análise das suas reações, além das dos sujeitos observados, como instrumento científico (FRIEDMANN, 2009, p.08).

ABC Diária:

Escutas, olhares, segredos,
tropeços e revelações
nos encontros com as crianças

Neste espaço, compartilho e desenvolvo os registros do diário de campo, matéria viva desta experiência.

O caderno e a caneta foram minha principal tecnologia em campo. Ciente das devidas diferenças de ferramentas e recursos, trago as palavras do documentarista David Reeks ao contar de sua trajetória filmando crianças:

Podemos considerar que, quando alguém assume essa tarefa, se ausenta, no mínimo um pouquinho, do presente — tem de focar em algo e se distrair do resto. Se não voltar para ver o que fez, para organizar as imagens e recriar uma narrativa do que estava sendo visto, tanto quem filma quanto seu sujeito de enquadramento perdem em dobro: perdem a chance de estar inteiramente juntos no presente e, já que tal “presença” foi abandonada, perdem a chance da lembrança. Se temos o cuidado de registrar, temos de desenvolver o cuidado de organizar e de recontar. Senão, estamos apenas nos escondendo ou nos ausentando do presente. (REEKS, 2016, p.24 e 25)

No momento dos encontros, equipada com a ferramenta que eu tinha para registrar aquela experiência e depois desenvolvê-la em palavras no intuito de trazer imagens aos olhos do leitor, procurei caminhos para não perder-me em meu próprio fazer. Eu não teria a possibilidade de ver e rever os materiais a partir do recurso de registro visual - tinha somente a minha memória e palavras norteadoras para lembrar-me, posteriormente, de cada acontecimento. Ao mesmo tempo, sabia que, mesmo que o caderno não chamasse tanta atenção quanto uma câmera, estaria também ausente nos momentos em que tentasse interpretar algo e caísse em elucubrações na escrita; ou nos momentos de descrição dos diálogos e exatidão de ações que eu desejava trazer na escrita.

Nas práticas de contar histórias utilizando o livro, muitas vezes, precisamos nos atentar a esta “presença” também, não deixar-se perder da conexão de olhar com o ouvinte ao ler certos trechos da história. Daí a importância de dedicar-se a conhecer anteriormente os livros a serem compartilhados, para que a narrativa não

fique presa a esta leitura por falta de conhecimento prévio da própria história apresentada. Sempre gostei de pensar na relação que chamo de 1.2.3., formando um triângulo que comunica e une as três vias, sem ordem determinada - o contador, o ouvinte e o livro - mantendo a conexão entre todos sem perder-se em um e esquecer-se do outro. Logicamente, do ponto de vista prático, manter esta fluidez depende do contador, permitindo assim que o ouvinte flua livre, estimulado por esta condução. Experimentei esta técnica na pesquisa em campo, manter-me conectada ao sujeito observado, mesmo com o necessário registro. Assim, para não perder a força do momento, o olhar para o que ali acontecia, fui escrevendo em tópicos, fios soltos que no próprio emaranhado da minha caligrafia, parecia um “garrancho”, um nó. Posteriormente, veio o ato de urdir estes fios, onde o teor dos encontros ficou à mostra, e onde se revelaram as dúvidas, os sentires e as conexões.

“As capacidades de observação não implicam apenas o que é visível, mas também no que é sentido”(Sousa, 2015, p.153). Tomada a devida distância do campo e dos registros, foi possível desenvolver alguns pontos e perceber o que me escapou. Ainda assim, mantenho nos registros a crueza dos escritos daquele momento, bem como a descrição da aproximação com cada criança, exatamente para ter esta dimensão do quanto estou aprendendo da prática em campo e também reiterar a importância deste tempo de decantar e assimilar a própria experiência.

Também é possível perceber quais caminhos despontam genuinamente dos encontros com as crianças, que nem sempre são os previamente intencionados. São alguns deles que pinço e desenvolvo nos capítulos posteriores, deixando na elaboração do diário apenas a narrativa das escutas, observações, sentimentos e sensações, mas sem interpretação aprofundada dos mesmos.

Deixo também a sinalização dos encontros como “Primeiro Encontro com...”, pois era previsto ao menos quatro encontros com cada criança, inviabilizados pela piora do quadro pandêmico na região. Mesmo ciente que seria ideal ter mais encontros com cada criança, novamente trabalho com a realidade e busco tirar o máximo de aprendizados e material reflexivo dos encontros que tivemos.

Inspirada nos Abecedários Poéticos (Infantis), livros com temáticas diversas que apresentam o conteúdo a partir do fio condutor do alfabeto, criei em 2017 o “ABCDiário”, que são escritos segredados pelas crianças (ainda em processo). Utilizo esta inspiração comigo mesma na apresentação do Diário de Campo, organizando o mesmo a partir de uma palavra para cada criança observada e/ou

escutada. Tais palavras revelam o que eu precisei aprender e flexibilizar em mim a partir do encontro com cada criança, a saber:

**Abrir:* Onde tive a oportunidade de aprender me abrindo para o que eu não havia previsto ou desejava inicialmente. Lidar com o real e não com a expectativa;

**Brincar:* Onde percebi que muitas vezes é preciso abandonar o método e as ferramentas e embarcar junto ao que as crianças propõem e querem mostrar. Guardar no corpo-memória e depois trazer para o espaço de registro e descrição;

**Comunicar:* Onde constatei que a falta de uma comunicação direta e nítida com a criança não é positiva e interfere na permissão de acesso a ela e na criação de vínculo;

**Descobrir:* Onde aprendi que há muitas possibilidades de contato com as crianças, de diferentes formas, e muitas vezes mais perto do que procuro. Tive a oportunidade de escutar um menino, sem vê-lo, através do muro da minha casa.

Utilizo também os espaços de ludicidade do meu trabalho com as crianças para escolha dos nomes utilizados para referenciá-las, já que seus nomes verdadeiros serão preservados por cuidados éticos. São personagens, nomes e classificações, sem qualquer julgamento de valor, apenas abrindo espaço para os caminhos narrativos que se apresentaram em cada encontro.

Escolho a partir de importâncias e relações afetivas que percebi nas mesmas, como é o caso da primeira criança, que chamarei de T-Rex, pois é seu dinossauro preferido, e seu irmão pequeno segue a mesma linha dos personagens, nomeado aqui como Bebê Dino; e também da segunda criança a quem chamarei de Aurora, pois é a única palavra que ela sabe escrever além do seu próprio nome. A terceira criança, que foi observada na relação com seu amigo e vizinho, chamarei de Os Dois Aventureiros da Vila: A Pequena Cientista e o Pequeno Aprendiz, exatamente pela relação estabelecida entre os dois de trocas de saberes e investigação da praça do bairro onde moram. Por fim, chamarei de Menino Sonoro, a quarta criança, a quem escolho esta nomenclatura pela configuração de meu contato com ele, pois minha pesquisa se deu pelo registro da sonoridade de suas ações no seu quintal, que não vejo, mas escuto através do muro da minha casa.

Por fim, as imagens junto a cada descritivo dos encontros são os autorretratos e a impressão da mão de uma delas, cedidos pelas crianças.

As crianças são residentes em contextos urbanos, nos municípios de Ribeirão Preto e Brodowski, no interior do Estado de São Paulo.



Alvin

Primeiro encontro com o menino T- Rex e seu irmão, o Bebê Dino.

Sigo para o encontro com a primeira criança. Um menino de 04 anos. Escolho nomeá-lo como T-Rex, porque a mãe sinalizou sua paixão por animais e, no nosso encontro, os brinquedos escolhidos por ele para nossa interação foram seus bonecos dinossauros. (Na imagem ao lado que ele escolheu fazer seu autorretrato sobre o desenho de um tubarão, tamanha seu apreço por animais.)

Chego. A família está toda em casa devido ao momento de isolamento.

Carrego álcool em gel, limpo os sapatos, uso máscaras, e trago na bolsa, além do meu caderno, uma troca de roupa. Foi a primeira vez em mais de um ano que entrei numa casa que não a minha ou de algum familiar visitado em extrema necessidade. Imagino que para eles também fosse a primeira visita fora do núcleo familiar neste último ano.

No contato com a mãe, sempre muito atenciosa e disposta, foi narrada a possibilidade de dois espaços onde as crianças estavam brincando mais frequentemente neste longo período em casa: a sala e um quintal no fundo da casa. Naquele dia estavam em casa e por conta do calor, o espaço do encontro foi a sala.

Somente nessa primeira vista conheci o irmão mais novo do menino, um bebê de 01 ano e 08 meses, que chamo aqui de Bebê Dino. Fiquei muito feliz com esta surpresa e a possibilidade de observar os irmãos de diferentes faixas etárias.

Ficamos na sala, a mãe, as duas crianças e eu. Um espaço bonito e confortável estava disponível para nós: sofá, tapete grande, almofadas e muitos brinquedos e jogos. A TV também estava ligada num programa musical infantil.

T-Rex me recebe com alegria e logo inicia um diálogo, mostra o relógio, pergunta meu nome. Conto um pouco da minha presença ali, lembro que sou mãe de um amigo da sala dele, ele ri bastante, se divertindo com minha chegada e me levando até o espaço com os brinquedos:

_Eu brinco pra caramba. Jogo pra cima! A coisa preferida que eu gosto é “animal”.

Eu respondo que também gosto muito de brincar e adoro animais.

_Olha o meu relógio- diz mudando de assuntos e já partindo para o sofá, dançando ao ritmo do som da TV.

Sento-me no chão, tentando manter o distanciamento necessário pela própria pandemia, mas também em busca de uma impossível invisibilidade, almejando manter uma postura de não interferir na manifestação espontânea das duas crianças. Logicamente, não deu certo!

Eu estava ali, dentro de uma sala de estar, de uma família recentemente conhecida, num contexto histórico e social extremamente delicado para todos nós, onde cada um dos integrantes daquela família provavelmente já estava encontrando meios de se organizar nesta nova rotina e que aceitaram abrir as portas para a escuta e observação dos seus filhos, mas que poderia também ser de si (de forma alguma esta é a intenção, da pesquisa antropológica, mas ao adentrar os espaços restritos das casas, minha presença altera a organização familiar). Naturalmente, houve uma reorganização da rotina para estarem comigo, dialogar, “fazer sala” para a visita. A mãe logo sugeriu ao filho uma brincadeira, entregando um dos brinquedos, intencionando me ajudar no conteúdo a ser observado e também para participar naquele momento do filho. Concomitantemente ao brincar ela conversava comigo, explicando que nem sempre conseguia brincar com eles assim por conta do trabalho, mesmo em casa. Eu a tranquilizava, pedindo para que ficasse à vontade em seus afazeres e que entendia e também passava por isto em na rotina com meus filhos. E era a mais pura verdade.

De pronto percebi o quanto o desejo pela manifestação espontânea das crianças, que eu tanto almejava observar e registrar nas comunidades e espaços abertos, e que eu também presenciava nos meus filhos quando eu não estava supervisionando ou direcionando seu brincar, só poderia acontecer ou não ali (ou melhor, ser percebida ou não por mim) se eu me despisse de algumas expectativas e idealizações, e estivesse completamente disponível para aquela experiência.

Deixei então que a troca entre os dois me apresentassem os caminhos e iniciei o registro das narrativas nascidas ali:

_Vamos montar um castelo com um bloco! - propõe a mãe.

_Vamos!

E com esta resposta todo o corpo de T-Rex estremece em movimento, levantando! Pula no sofá, apoia o corpo no encosto, depois se joga para frente, pula e vai até o *rack* pegar a caixa com os blocos. Faz este trajeto para chegar exatamente na caixa que estava bem atrás dele no momento da proposta da mãe. Percebo sua travessia, corpo todo em ação. Mais que o objetivo final é a importância de toda energia e presença empreendida.

Conta! Um, dois, três... até vinte blocos. Mas sempre pula o dezoito, é o que diz ele e a mãe. Riem.

E eu presencio então aquele olhar de vínculo profundo. Percebendo também nele a acolhida do fato de sempre esquecer mesmo o número dezoito ou quem sabe para acatar e agradar o que é dito sobre ele pelos adultos.

Desligam a TV. Montam então um castelo com os blocos. Ele, admirado com a própria construção, afirma que aquele castelo não cai nem com um assopro!

_Finge que tem uma pessoa aqui. Venham aqui todos os animais.

Sigo observando todo o espaço, tempo e personagens propostos ali. Registrando as histórias narradas nas palavras e ações dos dois. Experiencio junto aquele fenômeno e atravessada pelo poderoso convite do brincar me esqueço de todo o entorno.

Até que percebo pelo canto dos olhos que eu mesma também estava sendo observada pelo Bebê Dino. Deixado em segurança, sentado sozinho no sofá pela mãe, que brincava com o irmão mais velho, o bebê me observava, curioso. E quando eu finalmente percebi e nos olhamos, ele vibrou e sorriu.

E com o corpo todo seguiu comigo neste encontro, balançando para frente e para trás. Quando eu tentei algumas palavras, ele se retraiu, desconfiado, mas ainda se divertindo no que me pareceu uma proposta de brincadeira. Silenciei, ele voltou a movimentar-se em minha direção. Então pegou uma das almofadas deixadas pela mãe para sua proteção e me mostrou, pegou outra e mais outra, e também um urso, e construiu em volta de si uma parede, um forte, de onde me espiava e se escondia, me espiava e se escondia...

Quando eu, ainda encontrando os caminhos para estar dentro ou fora desta vivência e observação, verbalizei a frase “Ah, ele se escondeu...” (mais propositiva do que eu gostaria de ter sido, confesso), rapidamente ele acatou como proposta de novo brincar, pegou alguns dos bonecos dinossauros que estavam no sofá, e começou a esconder embaixo da almofada e depois descobrir para me mostrar,

alguns selecionados ele me entregava... e assim seguiu até a chegada de outra familiar que entrou na sala e chamou sua atenção para outra coisa.

A movimentação do cômodo reorganiza os interesses de todos e a mãe chama Bebê Dino para trocar a fralda. Descontente com a proposta de interromper a brincadeira ele me olha e aos prantos é levado no colo pela mãe para outro cômodo.

Ficamos eu e T-REX na sala. Ele logo pergunta novamente meu nome e reinicia um diálogo, mostrando seus dinossauros preferidos. Me ensina qual é o Braquiossauro, qual é o Indoraptor, o Tiranossauro (T-Rex- seu preferido), e tantos outros. Na empolgação do diálogo, mais uma vez eu tropeço nas expectativas e pergunto sobre os dinossauros, os animais e os espaços que ele brincava, me perco no que mais parece uma entrevista, me percebo andando na direção exatamente oposta à minha intenção inicial de passar despercebida. E esta confusão chega ao ápice quando eu pergunto:

_E o que você mais gosta de fazer lá? Ao que ele responde com certo olhar perplexo, como se me ensinasse o óbvio:

_Brincar!

Silencio. Escrevo este diálogo com letras garrafais no meu diário de bordo para não esquecê-lo mais.

Pouquíssimo tempo depois, livre do meu interrogatório, ele reinicia uma investigação dos dinossauros da sala, conferindo e colocando de lado, como a catalogar cada um, verbalizando seu nome e algumas de suas características. Em seguida, percebe o espaço de almofadas construído pelo irmão mais novo e “toma o forte” para si.

Todo o seu corpo contou para mim o fio da sua narrativa, antes mesmo de surgirem as palavras. Uma investigação minuciosa, corpo todo dedicado naquela ação, a nítida intenção do fazer.

Eram gestos precisos ao pegar, conferir, colocar de lado com a expressão de agrado ou desagrado. Gestos dele, mas também universais, que eu reconhecia em outras crianças que observei e nas memórias da criança que fui. Em seguida, ao levantar a cabeça e sair do círculo ensimesmado que seu corpo formava, olhou novamente para o entorno, num movimento de contração e expansão, como um ciclo de buscar, aceitar, investir, experimentar e assimilar... como um inspirar e expirar. E então novos interesses e descobertas, o corpo miúdo todo disposto a ser

afetado por algo que chamasse sua atenção e brotasse no fértil terreno do seu imaginário, e então, foi.

Cuidando para que meu olhar se mantivesse livre das tentativas de interpretações e explicações que fazem parte dos meus atravessamentos, segui em estado disponível para a observação daquela experiência e de tudo que ela me ensinava também. Mostrava-se no corpo, no espaço e no tempo a dimensão de disponibilidade ao inusitado e travessia inerentes à experiência.

Em seguida, ele ainda tanto me contou com uma nova narrativa em voz:

_Então vamos entrar. Ah, não! Tem um monstro aqui! - colocando embaixo das almofadas um dos dinossauros. _Coitado, eles estão morrendo. Tem um bicho lá dentro, preso. É o T-Rex! Arrrgggggg (imitando o grunhido do animal). _Corra, se ele sair, estamos perdidos! Joga aqui estas almofadas.

Era um comando para mim, com voz de muita sabedoria e liderança. Rapidamente atendi o seu pedido e lancei todas as almofadas do chão, inclusive uma em formato de tigre e outra em formato de sapo, que ele empilhou em cima do tiranossauro, agora bem preso. Depois disto, deu um pulo comemorando e jogou-se aliviado no sofá: _Ufa!

Eu iniciei uma comemoração, mas nem tive tempo. Lá estava ele de pé no sofá, ordenando:

_De novo! Mas agora joga direito!

E assim jogou para mim todas as almofadas e eu reiniciei os lançamentos. Dando nomes e coordenadas antes de cada um dos meus arremessos, ele se ajeitava para pegar cada almofada no ar e empilhar novamente sobre o dinossauro de plástico. Assim aprendi os arremessos “Sapo cabeçada”; “Pulo do tigre”; “Ataque de bomba”; “Urso voador” e vários “Almofada bumerangue”, que repetimos ainda por mais cinco vezes até que os pais voltaram para a sala e me despedi com o combinado de voltar em breve.



Brincar

Primeiro encontro com a menina Aurora

Primeiro encontro com a segunda criança, uma menina de 06 anos, a quem nomeio como Aurora, por ser uma palavra (ou nome) de seu interesse e gosto, a única que ela escreve além de seu próprio nome.

Aperto a campainha e aguardo. Por entre as grades do portão, consigo vê-la aparecer na sala, curiosa. Sorri, vem correndo, chama a mãe. Aproxima-se da grade, mas não a toca, certamente seguindo orientações de distanciamento dos adultos. Ainda assim, é possível perceber seu desejo de passar pelas grades, acelerar o encontro, alcançar o além-muro.

Mesmo com máscara e tendo ido de carro da minha casa direto para a dela, me afasto um pouco e mantenho um diálogo afetuoso, mas com maior segurança.

Assim que a mãe abre o portão, a pequena reforça o convite para minha entrada. No espaço do portão à porta da sala, entre cumprimentos distantes e diálogos de chegada e agradecimento com a mãe, Aurora me olha bastante examinadora e pergunta (com o corpo todo, inclusive: cabeça inclinada para o lado, olhar espremido e o dedo em riste apoiado no queixo):

_Você não é a moça que carrega um bonecão do carnaval?

Ela se refere ao “Folia Solta”, baile para as crianças que apresento anualmente no carnaval. Sim, era eu mesma, e ela de pronto se lembrou e se animou com a resposta e por confirmar que já havíamos brincador juntas! Que alegria para nós duas! Foi o suficiente para o convite:

_Posso mostrar o tronco para ela, mãe?

Ao aceite da mãe, fomos. Antes, ela me esperou e me observou tirar os sapatos, higienizar mãos e objetos com álcool e deixar a mochila num canto da sala.

E quando percebeu que eu havia terminado me guiou pela sala e cozinha, apontando alguns detalhes da casa para onde haviam se mudado recentemente: apontou o caminho onde ficavam os quartos, uma ilustração de árvore pintada na parede da sala, o mosaico de flores presente no balcão da cozinha, a panela onde a mãe estava cozinhando milho para nós e, ao chegarmos à varanda no fundo da casa, o toco de madeira que ela desejava me mostrar no início trajeto.

Apontando cada um destes espaços/objetos/situações e nomeando-os para mim, narradora de mundo. Criou ali sua narrativa, e eu respeitei, me atentando somente ao que ela indicava a cada vez, sem buscar o entorno por mim mesma.

Os impulsos que a conduziram para escolher cada elemento e, passo a passo, compor o “fio da meada” desta narrativa, eu nunca saberei. Seria sua própria preferência? Seria a reprodução da narrativa da mãe, misturadas à atualização das ações rotineiras daquele dia? Teria alguma relação comigo ou com a lembrança do que já brincamos? Seria uma escolha aleatória? Ou ainda, um pouco de tudo isto? Confesso, terminado o encantamento do trajeto, minha adulta necessidade de interpretação se acendeu com tais questionamentos, mas os espantei, na certeza de que qualquer tentativa de explicação diminuiria a potência daquele fenômeno.

Chegamos ao tronco. Um pedaço de madeira de um moringueiro, com cerca de 30 cm, no chão da varanda dos fundos da casa. Aurora apontou e correu para pegá-lo. Ajeitou-o deitado aos seus pés.

_Olha o que eu sei fazer!

Alinhou a coluna e respirou fundo, concentrada. Pausa. A perceptível suspensão do tempo no segundo anterior ao passo. Mais uma vez observo seu corpo em prontidão. Então dá um passo e apoia um pé no tronco. Impulso, o outro pé e o corpo todo em cima do tronco, equilibrando-se:

_Ô, ô, ô...

Coluna dobrando-se para frente e para trás, em contraponto ao rolamento do tronco, braços abertos, auxiliando na frágil estabilidade. Em segundos, o tronco rola e, num pulo, Aurora apoia os dois pés novamente no chão.

Ainda na adrenalina daquele desafio, ela me olha, sorrindo e conferindo se eu estava assistindo sua performance.

_Viu?

Confirmo num elogio. Na metade da minha frase ela já está novamente ajeitando o tronco. E enquanto repete passo a passo as ações de antes, ela agora

me conta também que está treinando, e como devo fazer se for tentar também. Mas a narrativa acaba atrapalhando um pouco a concentração na ação e após três ou quatro tentativas, seu interesse pelo tronco acaba e ela parte para outra proposta. Me pede para esperar e sai da varanda.

Observo o espaço, muito bonito e confortável, por onde muitos brinquedos e objetos estão à disposição da menina e de sua livre imaginação.

Logo ela volta com seus patins. Os segura na mão e os vira mostrando cada detalhe. Enquanto calça, me conta que ganhou de presente e também que faz aulas, detalha o nome da escola. Admiro sua desenvoltura para o ajuste do cadarço e a sua amarração. Eram cadarços bem longos e foi necessário puxar e apertar, e ainda dar uma ou três voltas em torno do tornozelo antes de “dar o laço”, mas a sua desenvoltura era incrível, tramando os fios e as palavras, me envolvendo na sua narrativa e em seus gestos. Orgulhosa, ela então celebra que sabe amarrar o cadarço, pergunta se eu tenho filhos e se eles também sabem. Conto dos meus filhos e respondo que ainda não sabem, que eles nem têm um sapato com cadarço, pois seus tênis ainda eram com fechamento de velcro. Ao que ela me aconselha:

_Então quando eles tiverem um sapato assim, você pode ensinar primeiro eles fazerem o nó e depois o laço.

Concordo.

Em seguida ela apoia o peso do corpo nos braços e se levanta. Desliza então pela varanda toda. Mostra alguns movimentos que aprendeu nas aulas de patinação. Gira, abaixa, desliza com a perna esticada, esquiva-se da cachorra “Belinha” que também chegou por ali, tenta um salto, quase cai, me olha e sorri aliviada. Seu pequeno corpo desenha no ar uma sequência de movimentos e me apresenta a história de seus aprendizados e vivências na aula de patinação, mas também de seu próprio corpo, seus limites, suas possibilidades.

Assim, deslizando ela passa em cima de um pedaço de papelão que estava num canto do chão da varanda. E assim que passa, freia os patins e chama minha atenção:

_Você escutou? Parece um eco quando eu passo em cima do papelão. Parece um tambor.

E mais algumas vezes repete o movimento de passar por cima do papelão. Investigou e se divertiu com o som provocado por seu movimento tantas vezes quantas foram necessárias para sua satisfação, e depois partiu para a próxima.

Senta-se ao meu lado para descalçar os patins. Pausa o movimento para apontar o seu “ônibus escolar”. Observo agora com detalhes e nomeação o que eu já havia visto de longe e supus serem somente objetos para organização do espaço: uma arara de roupas e um caixote de madeira. Observando de perto percebi que estavam conectados por um tecido de malha trançado, para que um puxasse o outro durante o transporte. Também pude conferir que dentro do caixote havia uma boneca, a primeira passageira daquela condução, e junto dela uma pasta com papéis e caneta, seu material escolar.

Quando abro minha bolsa para pegar o caderno, ela vê minha caneta colorida e pede para usar. Eu empresto.

_Tenho uma ideia. Vou pegar uma folha colorida para a gente desenhar. Eu sei escrever “Aurora”.

Corre e pega as folhas. Volta para meu lado. Ela com a folha e a caneta colorida. Eu com meu caderno e outra caneta.

Foi então que percebeu que a caneta colorida na verdade era uma caneta de quatro cores diferentes. Daquelas que escolhemos qual cor usar ao apertar para a ponteira sair. Ela ficou fascinada! Seus olhos brilharam diante da descoberta e ainda mais quando apertou uma a uma das cores e testou no papel. A investigação se aprofundou ainda mais e desmontamos juntas a caneta porque ela quis saber como funcionava para ter quatro cores em uma única caneta. Senti uma alegria imensa em presenciar o frescor desta descoberta.

_Meu nome será “arco- íris”.

E neste momento eu segurei minha própria imaginação e inventividade, brincando com a dupla possibilidade de ter um nome escrito em letras coloridas como um arco-íris e também de ser uma menina com novo nome, Arco-íris.

Escreve o próprio nome em letras bem grandes. Ao mesmo tempo reinicia sua narrativa, onde ações e palavras se complementavam e repetiam.

_Talvez eu possa arrumar assim. Gosto de escrever meu nome e também “aurora”. Agora minha cor favorita, rosa. E a sua cor favorita, qual é?

Respondo que é amarelo. De imediato ela interrompe a escrita e me observa:

_Gosta mesmo! Olha só, camiseta amarela, seu colar tem amarelo, sua meia tem amarelo. Hummm. A sua pele não é um pouco amarelada também?

Risos. Volta ao desenho.

_Vou fazer uma borboleta. - começa a cantarolar. _E as anteninhas.

Eu reinicio a escrita. Percebendo a minha movimentação, sem desviar-se do desenho, ela pergunta:

_Você está escrevendo todas as aventuras que a gente passou hoje?

Respondo que sim.

_Eu tenho uma ideia. Vou desenhar uma menina. Acho que fica bem de cabelo roxo. E boca rosa. Agora saia de babados.

Fala todos estes detalhes enquanto desenha cada um deles. E cantarola.

_É a magia do jardim- cantarola. Eu adoro cantar! Tudo que eu faço, eu canto.

Concordo que também adoro cantar. Ela sorri:

_Depois eu vou conversar sério com a minha mãe e pedir para você ser a minha babá.

Não respondo nada, mas vibro internamente por sentir a intenção de aprovação contida nesta frase. Ela reitera o vínculo sendo consolidado entre nós quando finaliza o desenho e me presenteia.

_Pra você se lembrar de mim e colocar no seu caderno.

Me devolve a caneta colorida e já se levanta, indo em direção ao ônibus escolar. Pega dentro do caixote a pasta de plástico e a caneta. Vagueia então pelo espaço segurando estes objetos, sem a intenção direta de me mostrar algo, como nas outras vezes. Como que esquecida de mim, ela inicia o movimento de raspar a caneta na pasta, que emite uma sonoridade particular e agradável por conta da textura do material. Ela cantarola mais um pouco, agora com acompanhamento instrumental.

Sua concentração é interrompida pelo alvoroço da cachorra, que veio correndo achando que a sonoridade era para chamá-la. Imediatamente Aurora larga pasta e caneta no chão e começa brincar com Belinha, apertando, arrastando, emitindo sons e sorrisos. Volta então para mim em tom de partilha:

_Você quer saber a história inteira?

_Qual?

_Da Belinha

Respondo que sim.

Ela conta, enquanto faz carinho na cachorra:

Você quer saber a história inteira?



Meu pai “tava indo” jogar o lixo lá fora. Aí, de repente, o cachorro dele que chama Zico, escapou. Aí ele achou a Belinha e trouxe pela boca – imita um cachorro carregando algo na boca. Ela tava muito durinha, aí meu pai cuidou dela e me deu.

Aperta mais um pouco a cachorra que vai para outro cômodo.

Ao chamado da mãe para comer milho. Vamos as duas para a cozinha. Tomo limonada com ela e enquanto a espero comer, converso com a mãe. Só então me dou conta de quanto tempo estou ali com ela.

Ouvindo meu comentário sobre a hora, ela adianta-se em comer dizendo que ainda quer me mostrar seu “portal”. Vamos então até a entrada da casa e ela me mostra um arco de metal cravado na terra, enfeitado por galhos e flores, por onde, conta, é possível entrar num mundo mágico.

E como que na magia do momento, começa a chover. O que me faz também lembrar a hora de ir embora. Mas a chuva fica muito forte e pelo pedido dela e da mãe, fico mais um pouco até que a chuva se acalmasse.

Aurora corre para o fundo do quintal pedindo para a mãe:

_Posso nadar na chuva? Posso?

Elas concordam que será só um mergulho. Aurora corre para a piscina, salta, sem qualquer sinal de medo, com roupa e tudo. Mergulha e volta, já tremendo de frio. Sai da piscina e corre pros braços da mãe que a leva para um banho quente.

Algum tempo depois volta, sequinha. Ficamos, as três, na varanda, esperando a chuva acalmar. Aurora então pede para a mãe ajudá-la a fazer ponte e bananeira e, depois de feito, aproveita a ajuda da mãe para um novo desafio, equilibrar-se no tronco com uma tábua em cima. A mãe auxilia e participa das brincadeiras propostas. Presencio o olhar cúmplice das duas ao brincarem juntas. A mão da mãe segurando os braços da menina no equilíbrio na tábua, apoiando as costas e pernas na execução da ponte e da bananeira. Tempo que se alargou em presença, reconhecimento de si e do outro, no encontro do brincar.

A chuva ameniza, ajeito minhas coisas para partir e enquanto calço os sapatos, Aurora pega uma caixa com muitos novelos de lã, corta dois fios, um azul e um vermelho, e faz um pequeno cordão trançado, com o mesmo trançado da malha no ônibus escolar. Entrega-me na despedida mais este presente (imagem abaixo).

Despeço-me com o combinado de voltar em breve. E sigo na chuva, inundada de inspiração.





Comunicar

Primeiro encontro com os Dois Aventureiros da Vila

Sigo ao encontro da terceira criança. Uma menina de 06 anos, que no dia da minha visita, está acompanhada do amigo e vizinho, um menino de 03 anos. Como não havia nenhum adulto responsável por este menino para que fosse autorizada a inseri-lo nesta pesquisa, tentarei seguir a descrição tendo a menina como principal sujeito de pesquisa, embora seja difícil porque todas as ações da mesma neste dia deram-se na relação com o amigo. Escolho chamá-los de Os Dois Aventureiros da Vila: a Pequena Cientista e o Pequeno Aprendiz, pela relação estabelecida entre eles nas investigações que fazem pela praça do bairro e pelas narrativas que impulsionam suas ações.

Chego. Ainda no carro, percebo a mãe sentada no banco da praça em frente da casa onde moram. Observo melhor e vejo a menina e seu amigo, correndo pela praça, os dois aventureiros. Ela está de máscara. Ele só veste mesmo uma cueca.

Ao perceber minha chegada, a mãe larga o livro que está segurando e vem ao meu encontro. A Pequena Cientista, ao perceber a movimentação da mãe fala alto para o Pequeno Aprendiz, em tom de celebração:

_Olha, a amiga da mamãe chegou.

Ele deve ter dito algo em resposta e ela então completa:

_Minha mãe também tem amigas, elas ficam assim.

Tento ver o gesto, mas não consigo. É exatamente o momento em que cumprimento a mãe. Ela está com alguns livros das suas aulas, e me pergunta se tudo bem ficarmos ali na praça para aproveitar o tempo da minha visita e deixar a

filha brincar mais fora de casa. Eu acho ótimo! Será o primeiro encontro ao ar livre que terei com as crianças.

Ela também me informa que não explicou nada para a filha sobre minha visita, só disse que iriam receber uma amiga para ficar com elas. E também comenta que a filha tem a personalidade mais tímida com adultos e crianças recém-conhecidas. Eu acolho a informação e peço que ela que fique à vontade e que ficarei mais perto das crianças. Naquela situação, em espaço aberto e com a menina envolvida na relação com amigo, e diante do apresentado pela mãe, senti que seria intromissão chegar para me apresentar. Este sentimento foi reforçado pelo fato de que, apesar da comemoração diante da minha chegada, ela não se aproximou quando eu cumprimentei a mãe, continuou brincando. Sua acolhida não estava nítida para mim, então achei melhor sentir a hora da possível aproximação. Esperei então o momento oportuno para dialogar com a Pequena Cientista sobre o motivo de minha presença ali, como fiz com as demais crianças, nos espaços restritos de suas casas.

A praça era formada por um quadrilátero menor e mais alto, como um platô (que acessei pela pequena escada), dentro de outro quadrilátero maior com calçamento já próximo e no mesmo nível da rua. Estávamos no platô central e superior. A mãe sentada num banco perto da escada por onde cheguei e as crianças sentadas em outro banco, cerca de 15 metros à frente, mas fácil de observar, pois era só era separado por um quadrado gramado. Me sentei num dos bancos mais próximos das crianças.

Ao perceber que eu sentava mais próximo deles e não junto da sua mãe, de quem eu era amiga, percebi o olhar questionador da Pequena Cientista. Olhou-me algumas vezes, mas não manifestou nada além de uma expressão que eu leria como “Por que ela está sentada ali e não com minha mãe?”.

Senti que seria favorável se tivéssemos tido um tempo para conversar, mas aceitei como tudo se desenrolou, ela aproveitando o tempo para brincar ao máximo com o amigo e livre da obrigação de ter se aproximado para cumprimentar uma conhecida da mãe, que ela nem sabia que estava ali para observá-la.

Assim, permaneci no meu banco. O Pequeno Aprendiz permanecia alheio a tudo isto, deitado no banco de barriga para cima e chacoalhando os pés para o alto.

Claro que minha presença mudou a dinâmica do momento. Ela me olhou mais algumas vezes tentando disfarçar. Percebi que, ao me olhar, ela colocava o cabelo para trás da orelha.

Continuei ali observando, mas tentando deixá-la à vontade, me ocupei com o ritual de sentar, abrir a mochila, pegar o caderno e a caneta, fechar a mochila.

Eu obsevava e era observada. Parece que movimentação causou chamou sua atenção, embora ainda preferisse manter a distância. Quando eu abri o caderno e comecei a anotar o que já tinha acontecido ali, ao levantar os olhos, ela estava me olhando de forma mais fixa. Então sorriu e abanou a mão. Eu sorri e abanei de volta. Depois ela virou as costas para mim e pareceu ter me esquecido.

Não senti que ela me dava permissão para me aproximar, mas que, ao menos, me aceitava ali perto. Me questionei se ela também esperava meu cumprimento, e se eu deveria ter ido direto até eles, quando cheguei. Ou se havia mesmo sido minha movimentação com cadernos e canetas, que despertou sua curiosidade e nos aproximou, me tornando mais aceita no seu território. Não encontrei uma resposta, mas celebrei poder ficar ali observando enquanto os dois se divertiam entre si.

Continuaram a conversa. Ela convida o menino:

_Você pode escolher o que você quer ser! Pode ser qualquer coisa. Eu serei uma onça pintada que é muito rápida!

_E eu sou um tigre!

_Eu sou a rainha!

Ele levanta-se do banco, ergue as mãos imitando as garras de um animal, e grita:

_Eu vou te comer! Uaaaaahhhh!

Ela refreia o movimento e impulso do menino, segurando seus braços.

_Peraí que vou escolher um animal diferente.

Ele acata: _Vamos ser o que então?

_Já sei! Serei um trenzinho! Corre! – ela sai em disparada gritando o restante da frase enquanto corre em volta do quadrado gramado. _Ele tem que ser rápido para as crianças se divertirem.

Ele corre atrás dela, na verdade já estava correndo desde que ela disparou a correr também. Percebo a liberdade de seus corpos. Ela com um jeito de jogar os braços para trás, como num voo, enquanto sacudia as mãos.

_Eu quero ser uma cientista!- ela grita.

_Eu quero ser um banquinho!- ele responde.

_Banquinho?!

_Vou ser um cientista também... pequeno.

_Um elefante! – Ela replica. _Vou cuspir água em você.

Voltam ao mesmo banco onde tudo começou. Ele senta, cansado. Ela, sempre em pé.

Aproximam-se de mim para pegarem seus patinetes que estavam “estacionados” ali. Neste momento eu esboço uma conversa, admiro as fitas do patinete para iniciar o papo. Ele me dá atenção, mas responde algo aleatório, mais interessado em correr com o seu veículo. Ela só dá uma chacoalhada afirmativa com a cabeça, bastante tímida e desinteressada. Segue seu caminho.

Sempre busco não mediar os diálogos com as crianças a partir das falas dos pais sobre suas personalidades, mas acolho e considero, reconhecendo quando tal característica se apresenta também para mim. Constatei que talvez eu não conseguisse conversar com ela sobre o motivo da minha presença, neste primeiro encontro. Eu me sentia no meio do caminho e desrespeitando seu espaço e tempo.

Enquanto isto os dois já davam voltas e voltas em torno do gramado. Mais uma vez ela o convoca:

_Venha, vou te mostrar onde podemos deslizar melhor.

Sobem até a esquina da praça e seguem deslizando calçada abaixo (realmente tem uma inclinação bem convidativa ao deslizar nesse espaço):

_Auuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu!

O Pequeno Aprendiz desce a ladeira. Em seguida salta do patinete e vai em direção à rua, com intenção de atravessar. Assustamos. A mãe da menina alerta:

_Tem que olhar a rua!

_Ele sabe, mãe! - a menina responde em defesa do amigo.

Ele sobe novamente o calçamento inclinado e desce:

_Sou um asteroide!!

Ela o observa e cuida de sua segurança o tempo todo. É nítido seu desejo de ensinar e cuidar. Enquanto isto o menino sobe e desce. Sobe cantarolando, desce.

_Tive uma ideia. – ele diz, saltando do patinete. Desta vez, atravessa mesmo a rua, olhando para os dois lados antes de atravessar.

A mãe aproveita a ausência do Pequeno Aprendiz para orientar a filha sobre ceder nas brincadeiras com o menino. Questionadora, a menina pergunta o que é ceder. Ao que mãe responde que é quando um abre mão da sua ideia para fazer a do outro.

_Ahhhh, ela responde em tom de reflexão.

Logo volta o Pequeno aprendiz com uma pequena bicicleta, sem pedais, e um avião de papel. Jogam o avião algumas vezes e depois o esquecem na grama.

Ele decide voltar a descer a ladeira da praça, agora de bicicleta. Ao que a Cientista aconselha que a bicicleta poderia ser perigosa, sem pedal na descida.

_Não podemos vir aqui, tem buraco. – diz ao menino. Depois vira para a mãe e confessa enquanto segura a bicicleta do menino para não descer: _Eu estou com medo que ele não consiga frear. Volta para o menino: _Você pode se machucar.

_Eu seguro aqui- ele responde, mostrando que frearia com o pé.

_Boa sorte!

Ela cede, soltando a bicicleta e liberando caminho para que ele desça. Depois encosta na árvore e observa enquanto ele desce e consegue frear com os pés.

Então ela corre até ele e sentam nos degraus da escada.

_Sai pra lá, formiga! – menino espantando a formiga que subia por sua perna.

Sentam, levantam, sentam, levantam, sentam. Levantam e comparam suas alturas. Decidem dar um pulão. Ela pula, mais uma vez, joga os braços para trás e sacode as mãos. Ele pula, quase cai, encosta os joelhos na terra. Ela o ajuda e já propõe:

_Vamos apostar corrida?

Correm escada acima até o quadrado de grama.

_Eu fui por ali e não caí naquele buraco- ele.

_Eu quase me machuquei. - ela.

Apostam corrida mais umas quatro vezes em volta do quadrado de grama.

_O vento bate em mim e eu consigo ir mais rápido- ele comemora.

Mas é sempre ela quem ganha. Até que ele reclama:

_Eu não ganhei nada.

Em ato de generosidade, ela propõe correrem mais uma, mas desta vez ela anda bem devagarzinho para que ele a ultrapasse e vença, mas ele, sem entender, para de correr.

_Ficou bravo?

_Estou descansando.

Sentam novamente juntos, agora em um banco mais afastado, ainda no quadrilátero. Percebo que sentem um cheiro pela expressão do rosto, imitando um farejar.

_Que cheiro é este?Hummmm! Cheiro de uva! – Arrisca o Pequeno Aprendiz.

_Não! É cheiro de terra. Foi a bicicleta que passou por aqui (realmente havia passado um homem de bicicleta pela grama). Ah, não! É no seu joelho.

Antes que pudessem aprofundar no tema da terra no joelho, uma pomba pousa no chão e eles correm para assustar o pássaro que voa para longe.

_Já sei! Vamos brincar de exterminador!- ele quem propõe agora.

Sobem no banco e ajoelham-se lá em cima. Esperam alguma movimentação da pomba, corpos prontos para o ataque, olhares radares. Mas ela não volta. Até que eles descansam do posto, e passam a novas observações e explorações:

_Qual é maior? Eu ou a formiga? – ele pergunta e ela reflete.

Abaixam-se, avaliando com todo empenho. São minutos avaliando algumas folhas e gravetos, medindo o tamanho do pé do menino, o tamanho da formiga. São interrompidos por algumas gotas de chuva que caem. Afastam-se um pouco um do outro e iniciam um telefone sem fio. Ela começa:

_Alô! Ou! Tá chovendo! Se protege! Se encolhe!

_Você pode proteger nosso cavalinho! – ele logo embarcando na brincadeira.

_Mãe, vamos embora?

A mãe responde que não precisa. Era uma chuvinha e estava refrescante.

A Pequena Cientista se alegra, saltitante, mais uma vez os braços para trás:

_Vamos fazer uma dancinha, aí a chuva para!

Aproveitando a movimentação, ousou se aproximar um pouco, para um banco mais perto deles. Talvez até para uma conversa. Escuto ela segredar para o menino:

_Aquela dragoa está vindo! Vai nos derrotar.

Assim, sou inserida na narrativa deles. Ou foi onde percebi que estava inserida por ser verbalizado mais alto. Talvez eu já estivesse inserida antes, bem como sabia que minha presença interferia a fluidez de seus brincares.

Titubeio um pouco em me aproximar mais e entrar na brincadeira. Mais uma vez a dúvida se aquele era um convite mesmo ou, com esta inserção na narrativa como um ser perigoso, que iria derrotá-los, era um desejo de distância. Decidi arriscar a aproximação. Foram segundos, mas antes chegaram três meninos maiores correndo e o foco dos Dois Aventureiros imediatamente mudou para os recém-chegados.

Os meninos maiores exploraram o terreno, observavam o lugar como se procurassem algo. Até que encontraram um amontoado de terra e ficaram ali por

uns cinco minutos, arriscando alguns saltos mortais. Depois, assim como apareceram, desapareceram correndo, mas antes, pegaram o aviãozinho de papel abandonado no chão pelos Dois Aventureiros e o levaram embora.

Passado o momento em que ficaram os Dois Aventureiros fixados na movimentação dos meninos maiores, eles tomam novamente o campo de exploração da praça. Encontram algumas vagens secas no chão e fingem ser ninjas, quebrando-as nos joelhos. Depois, rapidamente jogam tudo para o ar e embrenham-se entre arbusto. Equilibram-se na ponta dos pés. Ela:

_Oooooohhh!!!!. Este chamado você tem que vi! Este é o chamado do Tarzan.

Ele vai correndo e de repente para, ao encontrar um ovo de passarinho quebrado. Chama a menina para ver. Ela vai. A mãe e eu também vamos.

É neste momento que temos maior relação, trocando sobre o ovo que caiu do ninho. Ainda assim, nada muito direto, todos falando e trocando ao mesmo tempo.

Pouco tempo depois a chuva parecia se aproximar mais. As duas crianças dizem ter sede e vão beber água em suas casas. Dialogam ao atravessar a rua:

_Eu tô mesmo com sede. - ela.

_Toma água da chuva!- ele.

_ Não, mas a água vem dos rios da Amazônia. Não pode tomar se...

Sentamos eu e a mãe no mesmo banco, conversando e recolhendo os patinetes, bicicleta, livros, chinelos. Eles voltam alguns minutos depois e percebendo a organização dos objetos pedem para dar só mais uma voltinha de patinete.

Eu estava com a mão apoiada no patinete da Pequena Cientista e ao perceber que ela esticava o braço para pegá-lo, arrisco um rosnar de dragão (se é que se chama rosnar o que uma dragoa faz). Ela se espanta com minha reação e com rápido reflexo, afasta a mão. Seus olhos cintilam e ela sorri. Depois olha pra mim, espremendo os olhos, me fixando, em expressão de desafio e tenta de novo, e de novo, ao que eu sempre respondo com um rosnar, até que finjo me distrair e ela rapidamente resgata o patinete e sai correndo com ele, gargalhando por me derrotar. Senti que alguma conexão foi atçada ali, mesmo que ainda neste lugar de desafiar, de esgueirar.

Após algumas voltas, encerradas as brincadeiras, o Pequeno Aprendiz entrou para sua casa, e entrei com a mãe e a Pequena Cientista para a casa delas, onde me despedi e fui embora agradecida pela nova experiência.



Descebrin

30 dias de escuta do Menino Sonoro - O Menino Além do Muro

Apresento o registro de trinta dias de escuta e descrição dos sons produzidos pelo meu vizinho, uma criança de 03 anos, em seu brincar, sozinho, no quintal de sua casa.

Sem contar com o sentido da visão para corroborar com a audição, a proposta desta escuta é apresentar

detalhes dos fenômenos que se apresentam, através das variedades e qualidades sonoras produzidas pelo menino. Escolho nomeá-lo como Menino Sonoro, pela configuração de meu contato com ele.

É importante ressaltar que escuto o menino em vários momentos do dia, em interação com seus pais e sua irmã adolescente. Entretanto, conduzi os registros com foco nos momentos em que ele brinca sozinho no fundo do quintal, deixando algumas descrições da relação com os demais atores sociais somente quando considere relevante em relação ao conteúdo da pesquisa.

Dia 01⁷

Ouço os ruídos do Menino do outro lado do muro. Arrasta algum objeto que me soa familiar, embora eu não consiga identificar de pronto. Ele caminha e logo atrás dele vem o som, assim consigo constatar que é algo que ele puxa pelo chão. Com a continuidade do som identifico como uma mangueira de água, talvez um pedaço, talvez toda a mangueira da casa. Pode ser também uma corda ou uma tira de qualquer outro material, mas sigo nesta narrativa com a referência sonora da mangueira, que mais ecoou nas minhas próprias referências e memórias.

⁷ Nas páginas onde descrevo os 30 dias de escuta do Menino Sonoro (da página 56 até 67), pelo extenso conteúdo, escolho não utilizar recuo especial na primeira linha do texto.

O som tem suavidade e constância, e sua qualidade pode ser comparada ao som de areia nas mãos, ou o lixar suave de uma madeira. Produz um interessante ritmo, que sinaliza o deslocamento do menino pelo quintal: “Xiiiiiiii”, pausa. Xiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii,pausa; Xiii,pausa,Xiii,pausa,Xiii, Xiiiiiiiiiii(acelerado)... assim segue por uns 3 minutos, alterando velocidade, ritmo, intensidade e até a própria sonoridade, quando ele puxa a mangueira por outros espaços do quintal (com outras texturas) e talvez por cima de objetos jogados pelo chão, o que suponho em momentos que parecem que outros objetos estão sendo arrastados juntos, como emaranhados pelo lastro da mangueira em movimento.

De repente ele solta um resmungo. Som de esforço. Parece que a mangueira ficou presa em algo. Um, dois, três, quatro sons de esforço, provavelmente ele puxando a mangueira. E no último som, um resmungo maior, choroso, e o chamado por alguém de dentro da casa, que não o atende. Som da mangueira caindo, solta das mãos do menino. E ele corre para dentro da casa.

Dia 02

“Ó, ó, ooooooooooooooooouuuuuuuuu”

O menino vem correndo pela lateral da casa dele, bem junto ao muro que nos separa gritando a frase acima. A intenção da frase é chamatória. Continua correndo e vai até o fundo do quintal, local que pelo som eu reconheço como o espaço das galinhas e do galo. “oooooooooooooooouuuuuuuu”. Agito entre os galináceos, som de confusão crescente.

De dentro de casa rompe uma voz incisiva: “Óoooooooo! Não faz isto!!”. O menino parece entender. Suspende a gritaria e corre de volta para casa. Consigo ouvir sua respiração ofegante.

Dia 03

Hoje seus passos possuem o som característico de chinelo arrastado. Vem caminhando pelo corredor lateral da casa, paralelo ao meu. Passa por mim e continua.

Para de andar e não o ouço mais. Alguns minutos de silêncio, mas sei que ele ainda está ali. Aguardo no corredor acreditando na cumplicidade do som do seu chinelo arrastado, que me avisaria se ele tivesse voltado para dentro da casa.

Alguém então bate no portão da sua casa. O menino se atíça e reaparece aos meus ouvidos. Alguns objetos caem, sons metálicos misturados com algo que me pareceu madeira. Pelo tempo entre ouvi-lo e os objetos caírem, supus que ele estivesse sentado com os objetos no colo ou por perto.

Ele corre até o portão e inicia uma conversa com o homem que está do lado de fora, até que a mãe do menino aparece o pede para entrar antes de começar a conversar com o visitante. O menino volta correndo para o fundo do quintal e, ofegante, descansa bem na minha direção. Mas são apenas alguns segundos de descanso. A mãe logo se despede do visitante e ele, esbaforido, corre de volta para o portão gritando “Ei, tchau, tchau... eiiii!”. Ao chamado da mãe para parar com aquilo, ele para e resmungando entra na casa e não volta mais para o quintal.

Dia 04, 05, 06 e 07

Por quatro dias seguidos não ouvi o menino. Espreitei pelo corredor por horas durante estes dias. Estiquei os ouvidos... nada! Parece que a família esteve ausente. Ouvi o galo na madrugada. As galinhas em um destes dias de ausência do menino cacarejaram a tarde toda, muito mais que de costume. Mas o menino, nada.

Dia 08

Choveu o dia todo. Mais um dia sem ouvir o menino à tarde no quintal. Mas pude ouvi-lo de volta à casa, mesmo sem conseguir identificar coisa alguma.

Quando anoitece, escuto o pai do menino no quintal da frente da casa, conversando com alguém pelo telefone. Ele narrava alguns acontecimentos com a voz bem alta. Por minutos permaneceu assim e quando parecia já encaminhar a conversa para o fim, chama o menino, que estava dentro da casa. “Vem dar tchau para a madrinha”. O menino corre para fora, mas aproveitando a saída distrai-se em correr pelo quintal, soltando alguns sons como que arremedando o pai.

O pai então repete o convite “Vem dar tchau para a madrinha”. O menino segue pelo quintal. O pai então faz as despedidas ao telefone e desliga. O menino de pronto abre um berreiro, chorando alto e gritado, correndo para o pai, que reclama muito bravo com o menino, e impaciente o pega no colo e leva para dentro da casa. Ouço só mais alguns segundos do choro do menino até não ouvir mais nada.

Dia 09

Ouço o menino chegando ao quintal. Ele vem batendo com algum objeto no muro que divide nossas casas (parece que me avisa de sua chegada). As batidas no muro são ritmadas e formam uma marcha quando consigo também ouvir que ele está batendo mais forte os pés. Passa por mim, ainda em marca e batidas, e quando para inicia movimentos de passar o objeto pelo muro, passando para lá e para cá, para cima e para baixo. Acompanho o desenho que ele faz com o objeto em contato com o muro pelo som do trajeto.

Ele acrescenta ainda um acompanhamento sonoro feito com a boca a cada curva, o que consigo aqui descrever como as nuances sonoras da aceleração de um carro, como nas corridas de *Fórmula 1*.

A voz da mãe então aparece, bem perto de “nós”, chamando “Vem comer”. Eu estava tão atenta ao menino que nem ouvi a mãe se aproximar e ele, ao que pareceu, estava tão compenetrado no seu brincar que também não.

Ele solta o objeto não chão e corre para dentro na casa, na frente da mãe, que segue logo atrás. O som do objeto batendo no chão é alto, mas com qualidade abafada, como algo de plástico. Suponho ser um pote de plástico.

Dia 10

Hoje peguei o menino no colo.

Era fim de tarde. Eu estava sozinha em casa, estudando no quarto, porta encostada. Meu marido e as crianças tinham saído para um passeio de carro, em busca de um lugar aberto para andarem de bicicleta, aliviarem da vida tão fechada em casa.

O tempo fechou, anunciando chuva. Pouco tempo depois, ouço barulho no portão e o carro entrando na garagem. Voltaram logo.

De repente, entram três crianças no meu quarto: Benjamim e Ana Terra (meus filhos) e o Menino Sonoro, nosso vizinho. Ele estava na calçada da minha casa e entrou junto com o carro no quintal, e ficou, diante do convite dos meus filhos.

Meu filho anuncia o novo amiguinho: “Mamãe! Olha quem chegou!”.

Surpresa, eu cumprimentei os três, que já saíam em busca de brinquedos pela casa. Deixei os três à vontade.

Alguns tempo depois começou a ventar muito forte e também a trovejar. Foi então que o menino saiu da cozinha onde agora estava com as crianças e meu marido, veio até o quarto onde eu estava, esticou os braços e disse “CÓ!”, pediu colo.

Eu o peguei no colo e vendo que ele estava mais tranquilo disse: “Ei pequeno, você sabia que eu gosto muito de escutar você brincar lá do seu quintal?”. Ele respondeu: “Sim”. Eu queria falar mais, tentar algum tipo de autorização, mesmo ele sendo tão pequeno, e esta pesquisa sonora fazer-se pelos sons que sempre adentraram minha casa, mas foi o máximo que consegui. Minha pequena já estava enciumada com outra criança tanto tempo no meu colo e irmã do menino veio buscá-lo antes que a chuva chegasse. Então peguei a pequena também no colo e com os dois, um em cada braço, fui levá-lo para a irmã no portão. Ele foi, reclamando um pouco.

Dias 11 e 12

Nestes dois dias, final de semana, ouvi o menino no quintal junto ao seu pai. Estão em obras neste espaço que é do menino. Ouço o som de carriola, o ranger das rodas. É perceptível a sonoridade da areia no chão, chiado peculiar que junto com o som da roda criam dois caminhos que andam juntos: Xii xiiii xiii xiiii e Nheeeeeeeeeé... para lá e pra cá no corredor, para dentro e para fora.

O pai chama o menino, entrega uma pá a ele (sei porque ele disse). O menino bate com a pá no muro e na carriola. Joga no chão, barulho metálico. O pai dá uma bronca. Ele diz algo que suponho ser “carro” porque o pai responde “Vem então! Pronto! Segura!” e Nheeeeé. O menino festeja e solta um “Ihulllllll”. Consigo sentir sua vibração de alegria. Vão pelo corredor até a calçada. Depois o menino volta correndo para fundo do quintal, espera a carriola que deve voltar cheia de areia, espera o pai tirar a areia e pede para subir de novo. Ficam assim por muito tempo.

Dia 13

Chego ao corredor e o menino já está no quintal dele. Me atrasei para sua chegada. Me atento ao som e não consigo identificar de forma alguma. Só reconheço seu som de esforço, mas não sei se carrega algo, se puxa, se sobe ou qualquer outra ação. Alguns segundos depois, ouço um som macio e abafado e um suspiro. Parece-me que ele sentou e descansou. Silêncio.

Inicia então um raspar de algo, metálico. Bate no chão e raspa. Bate no chão e raspa. Muitas vezes, sempre intercaladas com resmungos de esforço. A melhor referência que tenho é de um cavoucar, como se ela batesse no chão com algum objeto e depois puxasse para o lado algum elemento presente ali (terra, areia, etc).

Creio ser mesmo o movimento de cavoucar, que interpreto como reprodução das ações do pai nos dias que o acompanhou nas obras do quintal.

Ele segue ali por minutos, até se levantar e ir para dentro da casa.

Dias 14

Ouçõ o menino dentro de casa: “Tatá, tatá, tatá”. Chamando a irmã. Fica assim por alguns segundos. Parecem estar só os dois e ela, ao telefone, não dá atenção para o seu chamado. Até que ela parece abrir a porta e fala “Então vai!”. Ele bem correndo para o corredor do fundo, cantarolando sua conquista. Para e silencia. Não o escuto mais por alguns minutos. Depois o ouçõ falando “Aqui” e recomeça o mesmo som de cavoucar do dia anterior, no mesmo lugar ou muito próximo pelo que suponho. Fica ali por muito tempo. E a irmã ao telefone no mesmo corredor, mas perto do portão, na frente da casa. Percebo quando ela desliga, mas ele não, continua na sua empreitada e só para quando a irmã fala com voz de ameaça “Ah, vai ficar de castigo”. Ele suspende a operação na hora “Não, não”. Ela responde: “Então vamos entrar”. Ele vai.

Dia 15

Chove novamente. Nada de menino no quintal.

Fim de tarde, quando estou exatamente transcrevendo os relatos de escuta do próprio menino, ouçõ seu choro. Depois, a voz da irmã: “Paaaaara!” (bem alto). Ele chora ainda mais alto. Depois desanda a falar muita coisa, que provavelmente os pais e a irmã conseguem “traduzir”. Eu, infelizmente, não consegui.

Dia 16

Mais um dia de chuva. Não ouvi o menino nem dentro de casa.

A energia elétrica do bairro acabou duas vezes, e numa delas deve ter queimado a lâmpada do meu corredor. Só percebo fim de tarde quando, já sem chuva, saio para passar um rodo no chão da área de serviço que ficou molhada. Ao subir na escada para trocar a lâmpada, vi um cercado de arame no fundo do quintal do menino, onde provavelmente ficam as galinhas. Foi a única parte do território do menino que conheci, um cercado aramado alto e de aparência recente. Cuidei para não olhar o quintal, na tentativa de evitar me contagiar pelas imagens vistas e, a partir desta referência, perder a espontaneidade das escutas vindouras, relacionando a

interpretação das sonoridades e investigações do menino ao espaço e objetos vistos. Eu quis preservar o espaço infinito da curiosidade e imaginação de ouvir.

Dia 17

Hoje o menino está com a mãe no quintal. Inicialmente ouvi o barulho da máquina de lavar roupas e há mais de uma hora ela ligou o rádio em volume bem alto. Ainda assim, apesar da interferência sonora, registro este momento de participação e interação do menino com os afazeres da mãe neste espaço onde o tenho escutado majoritariamente sozinho. A mãe segue com os afazeres domésticos e música alta e vai dando ordens ao menino: “Recolhe os brinquedos. Pega tudo!” “Pega o cavalo”. Percebo que é a primeira vez que descubro os brinquedos do menino. Talvez algum objeto que ouvi antes seja este cavalinho, ou algum dos brinquedos de plástico.

A mãe segue indicando: “Aquele brinquedo verde também”. “Pega meu chinelo também”. “Não é pra pegar minha bacia não!”.

A tudo ele obedece, fazendo esforço com as tarefas mais pesadas.

“Agora dá licença!”. A mãe repete gritando: “Dá licença”.

Xuaaaaá! Ela joga um balde d’água. O menino ri bastante. Parece que pula. A mãe com voz preocupada: “Não, não se molha, não deita!”. Parece ser tarde demais. “Aí, tá vendo? Se molhou inteiro no barro! Entra agora e pede pra sua irmã trocar sua roupa. E não volta mais aqui, hein?!” Ele vai correndo, parece estar eufórico.

Dia 18

Hoje o menino está falando bastante. Ouvi suas conversas com a família o dia todo. Quando ele vem ao quintal, sozinho, está do mesmo modo, bem falante. Identifico poucas palavras e frases, mas entre elas, tive certeza destas duas: “Foi você?” e “Dá!”. Quando fala “Dá!” fica um pouco mais silencioso e em seguida ouço o som de um objeto que ele bate no chão. Parece-me um cabo de vassoura ou pedaço de madeira, parece leve pelo som produzido. Ele continua batendo e falando, como que conversando com o próprio objeto ou narrando suas ações. Não consigo entender a maioria das palavras, mas reconheço ele dizer “Assim! Não! Assim”. Depois silenciou e percebi que tinha se deslocado até o cercado com as galinhas (que avistei dias antes)

As galinhas começaram a cacarejar agitadas. Percebi que se afastavam pelo diminuir do volume deste cacarejo. Logo depois o som era como se o menino

raspasse o objeto de madeira no cercado de arame. Pra lá e pra cá, pra. A musicalidade desta ação era até bem bonita, mas o desespero das galinhas era terrível e gritante.

Não demorou para a voz da mãe ecoar pelo corredor: “Você tá fazendo o que?!”.

Ele soltou um “ai”, largou o objeto que caiu fazendo um som alto, e correu ofegante para dentro da casa. Quando já estava chegando perto da porta, me parece que tropeçou e caiu, machucando a mão, pois logo em seguida reclamou “Dodói mão”.

Dia 19

Estou no quarto brincando com meu filho, Benjamim. Escuto da janela do meu quarto um som de plástico, mas percebo que não é no chão. Parece um som que vem do alto. Não ouço o menino, embora pareça que o som vem do rumo de seu quintal. Continua.

Meu filho também ouve e me pergunta o que é. Curiosos, vamos até a janela olhar (a janela do meu quarto abre-se para o corredor onde escuto o menino) e vemos que na verdade é o som da rabiola de uma pequena pipa rosa, sacolejando baixinho, pegando força do vento para subir. A criança, dona da pipa, está no quintal da casa ao fundo do quintal do Menino Sonoro, posso ver pela direção da linha (já vi suas pipas antes).

Encantado com a pipa voando tão baixo, Benjamim fala bem alto (ele costuma falar bem alto mesmo): “Olha mamãe, uma pipa rosa! Quero pegar no céu”. Respondo que pegar não será possível porque não é nossa, mas que dá para ver mais de perto. Vamos os dois para o corredor e neste breve tempo ele vibra e fala muito, apontando a pipa que demora a pegar altura.

Então, vem correndo o Menino Sonoro, pelo visto, ao convite da euforia de Benjamim.

“Lá, lá, lá... pipaaaa!” Sua voz também carregada de euforia.

Benjamim me olha e sorri. Depois puxa conversa com o menino, que responde coisas que não entendemos muito. A conversa dura até a pipa desaparecer de cima de nossas casas, ganhando altura. Eu sorrio também, pelo novo encontro dos dois e por ser nosso som que hoje convidou o menino ao quintal.

Dia 20

As galinhas ciscam no terreiro do menino, ouço leves cacarejos.

Logo vem o menino cantando pelo corredor “Papai dedo, papai dedo. Onde está?”. Eu reconheço mais pela melodia do que pela pronúncia.

Passa por onde estou no meu corredor e segue para o fundo do quintal. Continua cantando: “Estou aqui. Estou aqui”. Um cachorro late em algum quintal vizinho. Ele espanta: “Ai!”. Em seguida imita do latido do cachorro: “Auau”.

Volta cantarolar. Pelo som de seus passos hoje suponho que ele esteja com algum sapato fechado, pois não tem a característica sonoridade arrastada do seu chinelo. Percebo que ele está perto do cercado das galinhas. Ele grita: “Sai daqui!”. As galinhas se espantam, sons de asas se abrindo, cacarejos desesperados. Com voz mais cuidadosa ele fala: “Ei, ei, não, não, não... vem cá senhora!”.

A voz do pai surge: “Não faz isto com ele. Assim você machuca o bicho. Vem assistir desenho!” Ele entra na casa, passos firmes e sonoros com o sapato fechado.

Dia 21

Desde cedo o menino está agitado. Ainda não veio até o quintal do fundo de casa, mas ouvi seu choro e seus gritos desde manhazinha. Estridentes.

Ouçó quando ele corre até o portão da casa e bate, depois corre para trás e volta a correr e bater no portão. A irmã grita para não fazer aquilo. Ele corre até a porta da casa. Bate o pé.

Grita: “Uhhhhhhhhhhhh. Uh, uh, uh, uhhhh!”. Ele experimenta um ritmo com este grito e faz de novo, se divertindo um pouco. “uhhhhhhhhhhh, uh, uh”. “Onde está?”

Dia 22

Mais um dia de pipa dançando no céu, subindo devagar. Desta vez, branca e roxa, mas vinda do mesmo quintal. Faz um som convite, que agora já reconheci de pronto. Quando a pipa surgiu, o menino e eu já estávamos no quintal. Ele brincava com algum objeto metálico. Soava agudo, leve e oco, parecia alumínio. Cantava a música “Papai Dedo,” de novo e tentava bater o objeto no ritmo da música.

Ao avistou a pipa no céu, parou tudo e chamou a irmã: “Tatá, pipa!”. E a pipa sacolejando, o som de sacolinhas da rabiola. Não ouvi o menino por um tempão, mas também não percebi seus passos voltando para dentro da casa... Fiquei imaginando que nós dois olhávamos a pipa ao mesmo tempo. Se não houvesse ali o muro e pudéssemos nos ver, assistir a dança da pipa juntos seria uma possibilidade de vínculo.

Dia 23

Hoje o galo cantou muito. Madrugada, Manhã. Hora do almoço. Algumas vezes, pela hora do almoço, quando ele cantou, o menino gritou, lá de dentro da casa, tentando imitar o som do animal. Depois silencio e não apareceu no horário costumeiro.

Fim de tarde, ele surgiu. Ele brincando com um objeto de plástico, mas que parecia ter algo dentro que rolava solto. Soa como uma pedra dentro de um pote de plástico. Rola, rola... e o menino inicia um risinho. Imagino que ele está gostando de acelerar o rolamento da pedra dentro do pote. De repente para e... pá! Risos! Pá! Risos. Parece que ele joga a pedra pro alto e pega com o pote, ou, que coloco o pote no chão e está soltando a pedra dentro.

Duas maritacas cantam alto na rua de trás, pela altura do fio, consigo ver daqui de casa. Não sei se o menino consegue ver também, mas ele ouve. Diz: “Ah! Para!”. As maritacas continuam cantando. “Para! Vou jogar, hein?”. Ele corre para o fundo do quintal. Pá. Parece que ele joga a pedra tentando acertar a maritaca, mas assusta as galinhas. Cacarejos. Barulhos de asas.

A irmã o chama para dentro. Ele vai correndo.

Dia 24

O menino está no quintal do fundo. Ouço o barulho de seus pés andando para todo lado. Não está com o chinelo. O dia está frio. Parece que ele está calçado com um sapato fechado. Sua pisada produz um som de solado duro que ao bater no chão soa com qualidade aguda e precisa.

A irmã chega por perto. Ela fala com o pai deles ao telefone, no viva voz. O menino se agita ao ouvir a voz do pai. Ele afirma: “Alô! É o Papai!”. A irmã continua falando com o pai sem dar atenção ao menino. Ele pula algumas vezes: “Pá, pá, pá” faz o seu sapato. Ouço quando o pai diz: “Deixa ele de calça porque esfriou um pouco”. A filha concorda e diz que ele já está de calça. O menino também ouve a recomendação do pai. Imediatamente corre para dentro (pá, pá, pá), gritando em concordância: “Calçaaaaaa!”.

Dia 25

Hoje cedo o galo cantou muito. Bateu as asas no corpo e cantou muito. A manhã toda até a hora do almoço. O menino esteve pelo quintal também pela manhã, o que

não é costumeiro. Ele pareceu também estar interessado na cantoria do galo, ficou mais no fundo, perto do cercado das aves.

Ouç-o mexer em vários materiais. Sons de plástico, outros mais abafados, parece madeira. Também uma som que parece pedra ou algo cerâmico. Ouço-o fazendo esforço, “hunnnf, hunnnf” e também seus passos junto com a sonoridade dos materiais que cito acima. Creio que seu esforço é por subir em algo e não carregar. Confirmo que era sito mesmo quando a mãe chega devagar no quintal e grita: “Desce daí, menino! Vai se machucar!” Ele faz mais um esforço para e desce. A mãe reclama: “Olha a sujeira na tua roupa! Vem, vamos entrar, não vai ficar mais aqui!”. Ele não volta mais, nem à tarde.

Dia 26

O menino gritou muito pela manhã. Logo após o almoço, a mãe manda: “vai brincar lá fora!”. Ouvi a ordem e fui também, para meu corredor. Logo chegou o menino. Passou correndo por mim e foi subir no mesmo lugar onde subiu ontem. Inicia o som de esforço “hunnnf”. Passa um objeto no cercado, causando agitação no galinheiro. Ele ri, continua raspando o objeto. Depois pula. Ouço o som abafado, parece que se jogou sentado no chão. Cantarola por bastante tempo cantarolando, depois silencia. Ouço um novo som de esforço, agora para se levantar. Vem em direção ao muro, volta a cantarolar. Bate algo contra o muro, de forma ritmada. Segue para a porta da casa, ainda batendo. Ouço a mãe reclamando: “Ah, não! De novo mexeu nas coisas”. Chamou a irmã e pediu para ela limpar e botar o menino para dormir.

Um tempo depois ouço a mãe vindo ao quintal, recolhendo, carregando e varrendo o espaço onde estavam os materiais e o menino.

Dia 27

Hoje falei com o menino.

Ele veio para o quintal comendo algo. Percebi quando falou chamou a irmã e parecia estar com a boca cheia. Depois confirmei, pois cantarolava e mastigava. Continuou assim um tempo. E depois silenciou. Passou bastante tempo e fiquei em dúvida se ela havia voltado para dentro de casa e eu não tinha percebido. De repente o ouvi tossindo, parecia engasgando. Preocupada, chamei seu nome para verificar se estava bem. Estava. Respondeu imediatamente: “Oi!” e depois perguntou curioso: “Cadê?!”. Eu respondi: “Estou aqui na minha casa, ó! (levantei por cima do muro a

vassoura que tinha por perto). É mãe do Benjamim e da Ana”. Ele pareceu gostar, riu. Continuei: “Você tá comendo o que de gostoso aí?” Ele não responde o que, responde: “Sim!”. “Ah, que gostoso! Entra pra comer lá perto da mamãe, depois a gente se fala. Tchau!”. Ele dá “Tchau” e vai para dentro.

Dia 28

Quem é? Quem é? Ouço o menino gritando no quintal da frente de sua casa. Só então percebo que é porque alguém bate no portão no seu portão. A mãe sai de casa, pede para ele se acalmar. Abre o portão e conversa com um homem por um tempo. Ela pede para o menino entrar e a irmã não deixá-lo sair porque vão pintar o portão. Dia todo de compressor de tinta, jogando vapor de tinta no portão e no ar. Vejo por cima do muro. O menino não brincou no quintal hoje.

Dia 29

Hoje foi o menino quem falou comigo. Eu estava no corredor, estendendo roupas e ouvindo meus filhos brincando na sala. De lá, meu filho me chama para ver algo que montou com os blocos. Respondo alto que já estava terminando e chegaria logo para ver tudo.. Então ouvi a voz do menino além do muro falando “Oi”.

Não imaginei que fosse comigo, mas sim que fosse alguma narrativa que ele iniciava. Ele então completa perguntando: Brincar? Eu arrisco e respondo: “Sim, vamos brincar aqui. Brinca aí também.”. Ele diz então: “Brincar bebê!”, repete mais duas vezes enquanto segue para dentro da casa. Permaneço no corredor enquanto termino de estender as roupas, conferindo se ele volta. Mas ele não voltou.

Dia 30

Completo trinta dias de escuta do menino, mas pouco o ouvi dentro ou fora de casa. Veio até o quintal do fundo por volta da hora do almoço, brincava com algo que emitia um som de plástico, parecia uma garrafa pet, que logo jogou no chão. Gritou e entrou. No meio de tarde ouvi que ele batia no portão e a irmã ficou brava. Corri para ouvi-lo por lá, na parte da frente do muro que divide nossas casas, mas quando cheguei, ele já estava entrando. Continuei atenta, querendo escutar mais.

Quando anoiteceu ouvi o pai chegar e o menino dentro de casa rindo com ele. O pai ri: “Gostou, né?”. O menino ri mais. Não consegui ouvir mais nada, mas achei bonito esta escuta terminar com o menino sorrindo.

Achados da travessia

Os achados da travessia são os elementos que despontaram espontaneamente nos encontros com as crianças, emergidos da própria experiência da pesquisa em campo, na força dos sentidos, percepções e sentimentos; ou ainda no desenvolvimento e leituras interpretativas feitas posteriormente, a partir dos registros. São propostas de caminhos genuínos que podem reconfigurar a própria temática norteadora da pesquisa ou ser um convite para a expansão e aprofundamento do tema central.

Nesta pesquisa, alguns destes elementos não são exatamente os previamente intencionados, mas como não acreditar que “os sentidos são uma matéria produtora de sentido” (Le Breton, 2016, p.12)? Basta atentar aos registros do diário de campo e seu desenvolvimento para constatar que seria um equívoco ignorar os convites que me atravessaram em perguntas e inquietações e que agora busco aprofundar em reflexões e hipóteses.

Ser ou não ser aceita

O método de observação direta, caminho de interação que escolhi para a pesquisa de campo com as crianças observadas, é desenvolvido a partir da entrada do pesquisador nos territórios dos sujeitos de pesquisas. No meu caso, adentrei em espaços residenciais e de convívio (praça), no contexto familiar de cada criança. Mesmo no processo de pesquisa através da escuta, de certa forma, eu também entrei na intimidade de uma casa, separada da minha pelo muro, absorvendo e registrando sonoridades que estavam ali destinadas à privacidade do lar, embora pela própria qualidade sonora, não se isolava com os limites do muro.

No caso de pesquisa com crianças, a entrada em campo é sempre mediada, porque autorizada, pelos pais e adultos em geral da comunidade. Mas a aceitação da pesquisa pelos adultos não significa o ser aceito pelas crianças. E sem a aceitação dos sujeitos não há pesquisa” (SOUSA, 2015, 145).

É imprescindível que esta entrada seja autorizada, não só pelos adultos responsáveis pelas crianças, mas também pelas crianças. A violação da conduta de prévia aceitação também pelas crianças seria o contrário do trabalho almejado pelas práticas comprometidas com a escuta e observação com as crianças, cujo intuito é contribuir para o respeito, autonomia e protagonismo destes atores sociais.

Logicamente, muitas vezes, com bebês e crianças menores, sem o recurso da comunicação verbal a aceitação parece nebulosa. Entretanto, mesmo com eles, é possível perceber os sinais de acolhida ou rejeição.

Acredito também, pela pouca, mas significativa experiência que tive nesta pesquisa, que muitas vezes a aceitação das crianças maiores, mesmo quando verbalizada, possui características bem diversas (como as próprias crianças são singulares e tem diferentes saberes dos nossos) das formalidades entre adultos. Por isto mesmo, tal aceitação me parece um processo consolidado principalmente na prática e interação com as crianças, no processo de socialização, criação de vínculo e manutenção deste vínculo com as mesmas.

É válido ressaltar que pelo próprio processo de desenvolvimento e socialização, as crianças não se atém aos bons modos aos quais os adultos já se moldaram. Se elas gostam ou não da presença de alguém, mostram sem qualquer ressalva. Ao pesquisador fica o convite a atentar-se a estas demonstrações e dar o devido espaço e tempo às crianças quando não for bem-vindo.

Em todas as incursões de observação e também na escuta, recebi autorização das mães das crianças. Dedico então alguns parágrafos aos sinais de aceitação ou não aceitação que vivenciei com as próprias crianças, bem como tentativas que fiz para nossa proximidade, trazendo para cá, trechos do diário de campo onde descrevo tais momentos⁸:

Encontro com T- Rex e Bebê Dino

Trecho 1: T-Rex me recebe com alegria e logo inicia um diálogo, mostra o relógio, pergunta meu nome. Conto um pouco da minha presença ali, lembro que sou mãe de um amigo da sala dele, ele ri bastante, se divertindo com minha chegada e me levando até o espaço com os brinquedos.

⁸ Para inserção de trechos do diário de campo, utilizo fonte no tamanho 11 e espaçamento simples entre linhas. Não utilizarei recuo especial na primeira linha dos parágrafos.

Trecho 2: Até que percebo pelo canto dos olhos que eu mesma também estava sendo observada pelo Bebê Dino... me observava, curioso. E quando eu finalmente percebi e nos olhamos, ele vibrou e sorriu.

E com o corpo todo seguiu comigo neste encontro, balançando para frente e para trás. Quando eu tentei algumas palavras, ele se retraiu, desconfiado, mas ainda se divertindo no que me pareceu uma proposta de brincadeira.

Trecho 3: ...a mãe chama Bebê Dino para trocar a fralda. Descontente com a proposta de interromper a brincadeira ele me olha e aos prantos é levado no colo pela mãe para outro cômodo.

No encontro com T-Rex, de pronto, percebi sua receptividade, já me mostrando seu relógio. Ainda assim tentei aprofundar nosso vínculo, citando que era mãe de seu amigo de escola. Embora ele não parecesse lembrar-se do Benjamim, sinto que o fato de eu ser mãe de alguma criança, aumenta sua tranquilidade comigo. Já seu irmão, Bebê Dino, não me estranhou na chegada, mas não esboçou qualquer reação. Ficou tão silencioso, que acabei me esquecendo dele enquanto observava o irmão mais velho, sendo despertada ao perceber que ele me observava. Senti no seu olhar, gestos e êxtase o momento que realmente criou conexão comigo, ao brincarmos juntos, onde percebi também o momento de moderar minha investida diante de seu recuo, para não prejudicar sua aceitação. Percebi ainda nosso vínculo por seu choro ao ser levado para a troca de fraldas.

Encontro com Aurora

Trecho 1: _Você não é a moça que carrega um bonecão do carnaval?

Ela se refere ao “Folia Solta”, baile para as crianças que apresento anualmente na festa carnavalesca. Sim, era eu mesma, e ela de pronto se lembrou e se animou com a resposta e por confirmar que já havíamos brincador juntas! Que alegria para nós duas! Foi o suficiente para o convite:

_Posso mostrar o tronco para ela, mãe?

Trecho 2: ...Ela vê minha caneta colorida e pede para usar. Eu empresto.

_Tenho uma ideia. Vou pegar uma folhar colorida para a gente desenhar. Eu sei escrever “Aurora”.

Corre e pega as folhas. Volta para meu lado. Ela com a folha e a caneta colorida. Eu com meu caderno e outra caneta.

Foi então que percebeu que a caneta colorida na verdade era uma caneta de quatro cores diferentes. Daquelas que escolhemos qual cor usar ao apertar para a ponteira sair. Ela ficou fascinada! Seus olhos brilharam diante da descoberta e ainda mais quando apertou uma a uma das cores e testou no papel. A investigação se aprofundou ainda mais e desmontamos juntas a caneta porque ela quis saber como funcionava para ter quatro cores em uma única caneta. Senti uma alegria imensa em presenciar o frescor desta descoberta.

Trecho 3: Eu reinicio a escrita. Percebendo a minha movimentação, sem desviar-se do desenho, ela pergunta:

_Você está escrevendo todas as aventuras que a gente passou hoje?

Respondo que sim.

Trecho 4: Concordo que também adoro cantar. Ela sorri:

_Depois eu vou conversar sério com a minha mãe e pedir para você ser a minha babá.

Não respondo nada, mas vibro internamente por sentir a intenção de aprovação contida nesta frase. Ela reitera o vínculo sendo consolidado entre nós quando finaliza o desenho e me presenteia. _Pra você se lembrar de mim e colocar no seu caderno.

Trecho 5: A chuva ameniza, ajeito minhas coisas para partir e enquanto calço os sapatos, Aurora pega uma caixa com muitos novelos de lá, corta dois fios, um azul e um vermelho, e faz um pequeno cordão trançado (a mesma trama do tecido de malha no ônibus escolar). Me entrega na despedida mais este presente.

No encontro com Aurora também sou bem aceita e recepcionada desde a chegada. Também temos um vínculo anterior, pois já brincamos juntas. Isto parece facilitar o acesso que foi se intensificando ao longo do encontro através de demonstrações de carinho: com o presente do desenho e do cordão trançado, e com o convite /aceite para que eu fosse sua babá.

Destaco também neste encontro, nos trechos 2 e 3, o interesse dela pelos meus instrumentos de trabalho e pelo registro que eu fazia do nosso encontro. Já ouvi e li em relatos de pesquisadores que algumas vezes os instrumentos de trabalho funcionam como senhas de entrada, chamariz para socialização. Muitas vezes as ferramentas tomam a frente e faz-se necessário esperar que o frenesi da descoberta se amenize para seguir com os registros. No meu caso, escolhi não utilizar a máquina fotográfica para evitar este movimento em espaços tão restritos, mas ainda assim as ações e interesses de Aurora foram afetados e impulsionados pelo reconhecimento do instrumento que utilizei.

Encontro com a Pequena Cientista e o Pequeno Aprendiz

Trecho 1: ...apesar da comemoração diante da minha chegada, ela não se aproximou quando eu cumprimentei a mãe, continuou brincando com seu próprio amigo. Sua acolhida não estava nítida para mim, então achei melhor silenciar e sentir o momento da possível aproximação.

Trecho 2: Ao perceber que eu sentava mais próximo deles e não junto da sua mãe, de quem eu era amiga, percebi o olhar questionador da Pequena Cientista. Olhou-me algumas vezes, mas não manifestou nada além de uma expressão que eu leria como “Por que ela está sentada ali e não com minha mãe?”.

Trecho 3: Eu observeava e era observada. Minha movimentação causou mais interesse nela, embora ela ainda preferisse manter a distância. Quando eu abri o caderno e comecei a anotar o que já tinha acontecido ali, ao levantar os olhos, ela estava parada, me olhando de forma mais fixa. Então sorriu e abanou a mão. Eu sorri e abanei de volta. Depois ela virou as costas para mim e pareceu ter me esquecido.

Trecho 4: Aproximam-se de mim para pegarem seus patinetes que estavam “estacionados” ali. Neste momento eu esboço uma conversa, admiro as fitas do patinete para iniciar o papo. Ele me dá atenção, mas responde algo aleatório, mais interessado em correr com o seu veículo. Ela só dá uma chacoalhada afirmativa com a cabeça, bastante tímida e desinteressada. Segue seu caminho.

Trecho 5: Aproveitando a movimentação, ousou me aproximar um pouco, para um banco mais perto deles. Talvez até para uma conversa. Escuto ela segredar para o menino: *“Aquela dragoa está vindo! Vai nos derrotar.”* Assim, sou inserida na narrativa deles. Ou foi onde percebi que estava inserida por ser verbalizado mais alto...

Trecho 6: ...pedem para dar só mais uma voltinha de patinete. Eu estava com a mão apoiada no patinete da Pequena Cientista e ao perceber que ela esticava o braço para pegá-lo, arrisco um rosnar de dragão (se é que se chama rosnar o que uma dragoa faz). Ela se espanta com minha reação e com rápido reflexo, afasta a mão. Seus olhos cintilam e ela sorri. Depois olha pra mim, espremendo os olhos, me fixando, em expressão de desafio e tenta de novo, e de novo, ao que eu sempre respondo com um rosnar, até que finjo me distrair e ela rapidamente resgata o patinete e sai correndo com ele, gargalhando por me derrotar.

O encontro com a Pequena Cientista foi o mais desafiador em relação à minha aceitação e criação de vínculo. Em nenhum dos casos anteriores creio que as mães explicaram em detalhes minha presença, mas como eu estava em situação mais próxima e espaços restritos com as crianças, pude comunicar em algum momento o motivo de minha visita. Nesse caso, além de estarmos numa praça, ela estava bastante envolvida na relação com o amigo. Acredito ainda que soma-se a este fator maior, o fato de não termos qualquer vínculo anterior (era a primeira vez que nos víamos) e também a singularidade de sua personalidade menos expansiva.

Senti que seria favorável se tivéssemos tido tempo para conversar. Confesso que, durante a experiência, me sentia no meio do caminho, intrusa e desrespeitosa em seu mundo e intimidade de relação com o amigo.

É fato que, apesar de todos os momentos em que minha presença se mostrava estranha e incômoda (conforme trechos 1, 2 e 4), tivemos também momentos em que, ao seu modo, ela mostrou aceitação, e interesse nos meus instrumentos de trabalho e ações, abrindo as portas para um cumprimento posterior e me inserindo em sua narrativa, embora como algo perigoso (trechos 3 e 5).

Mas o que me incomodava era não termos dialogado sobre a minha presença ali, sendo ela uma criança maior (o que tornaria possível esta conversa).

Após a tentativa de diálogo e outra de aproximação, sem sucesso, logo me recolhi, ciente que alguma ação maior seria forçar a barra. “A abordagem que o olhar e postura antropológicos propõem – tomar distância, observar, silenciar e respeitar o outro...” (Friedmann, 2016, p.39). Assim o fiz pelas horas que fiquei por lá. Só me atrevi mesmo ao brincar final com o rosnar de dragão para mostrar-me disponível para o enredo e inventividade nascidos dela. Foi positivo e senti que mesmo de um modo tímido e esgueirado, abria-se uma fresta para a nossa relação.

Naquele momento estava previsto mais alguns encontros, então me tranquilizei com o planejamento de nosso diálogo para o encontro seguinte. Acontece que não tivemos mais oportunidade de outros encontros por conta de novo *lockdown*. Fui então fortemente atravessada por minha responsabilidade ética com o conteúdo coletado e considerei não utilizá-lo neste trabalho. “Precisamos também aceitar - e respeitar- que as crianças podem nem sempre querer compartilhar seus mundos, segredos ou vivências; ou ter seus dizeres, narrativas, processos, produções ou imagens expostos ou compartilhados” (Friedmann, 2020, p.142). Fiz então o exercício de colocar-me no lugar desta criança, e meu sentimento maior foi falar com a mãe da menina, pedindo para que ela explicasse diretamente à filha ou, se achasse melhor, que eu enviasse uma mensagem à menina, contando o motivo de minha presença naquele dia. Aproveitei para pedir o autorretrato, caso ela aceitasse participar do meu trabalho de aula. Ela aceitou. Ufa!

“Esta relação de observadores-antropólogos não está isenta de conflitos já que nem sempre nossa presença e olhar são bem vindos: as crianças das diversas culturas podem sentir nossos olhares muito mais como um controle, o que pode inibir sua espontaneidade! Há aqui estabelecida uma relação assimétrica porque, por mais que haja a intenção de respeitar e ‘pedir licença’ para entrar no mundo das crianças, nós adultos não pertencemos a esses mundos: somos estrangeiros, diferentes. Para que estas aproximações sejam reais e o observador não seja nem ‘fantasma’, nem ‘herói’, um equilíbrio é necessário no qual tanto as crianças observadas quanto os observadores se aproximem em um diálogo mais humano e real. O fato do adulto já ter sido criança um dia pode ser a ponte possível para estes diálogos. (FRIEDMANN, 2016, p.43).

Escuta do Menino Sonoro

Os encontros com as crianças me proporcionaram aprendizados grandiosos e diferentes estímulos para ampliar minha perspectiva de respeito e cuidado aos espaços e tempos destes pequenos cidadãos, sujeitos de direitos como cada adulto.

A rotina de escuta do Menino Sonoro e as reflexões desencadeadas me trouxeram maior atenção às sutilezas e profundidade acerca de autorização desta escuta e do conteúdo produzido a partir dela.

Como já citado, há meses eu escutava o brincar do menino em seu quintal, tendo até mesmo escrito conteúdos poéticos a partir do estímulo dos sons e ações que percebia, e também sobre minha própria situação em ouvir um menino além de meu muro. Entretanto, tais escritos eram criações fictícias oriundas das inspirações desta escuta, e não compunham um registro real, nem eram puramente retratados.

Ao iniciar a descrição minuciosa, mesmo sem a garantia de que as ações descritas são o que suponho, sinto que outra relação se abriu. Esta forma de escrita trazia em palavras a tentativa de representação das ações reais do menino. Mesmo não identificado, ele estava presente, motivo e conteúdo da pesquisa, registrado para acesso de outras pessoas. Eu não criava um novo conteúdo a partir da inspiração de sua presença. Eu buscava registrar sua presença e suas ações.

Todas as sonoridades chegavam a mim através do muro de casa, mesmo que eu nem sempre estivesse no corredor da minha casa, ou seja, mesmo destinadas à privacidade do lar, pela própria qualidade sonora, não se restringiam aos limites do muro. Eu não precisava de nenhum recurso de captação para acessar estes sons. Ainda assim, pela característica do registro e da finalidade do mesmo, seria imediata minha solicitação da permissão dos pais da criança para esta escuta e uso do conteúdo, assim como fiz com os demais responsáveis e crianças. Mas não foi!

Muitos sentimentos e pensamentos me tomaram desde então. O primeiro foi um imenso receio da relação de vizinhança recente. Eu me preocupava em como seria recebido este pedido. O quanto esta escuta seria tida como intromissão, visto que eu seguiria morando ao lado desta casa e, mesmo que estes sons chegassem até mim, em sua intenção, eles não me diziam respeito. O quanto isto poderia afetar a liberdade e espontaneidade dos meus vizinhos? Ou a própria rotina do menino e a relação dos adultos com ele ao brincar?

Assim, os dias de escuta seguiam, mas eu permanecia sem coragem de enfrentar o receio que, para além do espaço desta pesquisa, se estendia para a minha rotina. Mas eu não defendia que a rotina desta criança era tão importante quanto a minha? Era uma situação tão enosada em mim que gerava procrastinação.

Se eu não conseguia pedir a autorização para a mãe do menino, que dirá para a própria criança, que seria escutada pelo muro, sem perceber minha presença. Destaco um trecho do dia 10 da escuta, quando o menino esteve na minha casa, onde fiz uma tentativa de autorização com ele:

Trecho 1: Meu filho anuncia o novo amiguinho: “Mamãe! Olha quem chegou!”. Surpresa, eu cumprimentei os três, que já saíam em busca de brinquedos pela casa. Deixei os três à vontade. Alguns tempo depois começou a ventar muito forte e também a trovejar. Foi então que o menino saiu da cozinha onde agora estava com as crianças e meu marido, veio até o quarto onde eu estava, esticou os braços e disse “Cól!”, pediu colo. Eu o peguei no colo e vendo que ele estava mais tranquilo disse: “Ei pequeno, você sabia que eu gosto muito de escutar você brincar lá do seu quintal?”. Ele respondeu: “Sim”. Eu queria falar mais, tentar algum tipo de autorização, mesmo ele sendo tão pequeno, e esta pesquisa sonora fazer-se pelos sons que sempre adentraram minha casa, mas foi o máximo que consegui...

Esta nossa breve proximidade e a tranquilidade dele comigo foi bastante feliz, mas ainda assim não resolvia de fato as questões de autorização para o registro, que também deveria passar pelos responsáveis da criança.

Em conversa com Renata Meirelles dialogamos sobre a importância da opinião e orientação de alguém especializado nas questões de ética nas pesquisas, visto que esta era uma situação realmente peculiar, a ser olhada com cuidado.

Não à toa, por ser uma questão que acredito essencial de ser olhada, já havia despontado neste trabalho um espaço destinado ao tema, “Ser ou não ser aceita”. E talvez por isto mesmo, me sentia um embuste, como se toda a descrição das experiências com as outras crianças, eu não colocasse em prática de fato quando isto poderia me colocar em situação desconfortável. Seria ao menos mais honesto deixar nítido no trabalho a ausência desta autorização e seus motivos, ainda mais numa narrativa de bastidores que inclui também a exposição de percalços e falha? Ou, logicamente, suspender as escutas e não utilizar o conteúdo coletado?

Sei que o sentimento de embuste foi extremo e não condiz de fato com o que já constato em minha atuação neste campo, mas, ainda assim, considerei chacoalhões importantes. Pensei e devaneei muitos motivos para me isentar de

pedir esta autorização, por exemplo, eu não havia feito nenhum tipo de registro visual e sonoro que expunha o acontecimento real, mas escrevia sobre algo que ouvia naturalmente. Ou ainda, eu estava fazendo uma escuta sem o recurso visual, então praticamente todas as coisas poderiam não ser o que dizia ser... nestes momentos não faltam motivos a serem levantados e criados.

Mas a questão envolvida era atravessada pela ética. Algo que por ser tão essencial e estruturante, perpassa por tudo e é tão amplo, que não está catalogado apenas em limites legais, mas diz respeito também ao sentir, bom senso e cuidado de quem empreende as pesquisas (Tal sentir também foi trazido em consulta, posterior a todo processo, que fiz à Adriana Friedmann sobre a situação específica e sobre possíveis limites norteadores em situações similares, no futuro).

Por fim, solicitei autorização da mãe do menino, para as escutas já realizadas e para a sua continuidade. Ela aceitou e até gostou muito da proposta.

Fiquei aliviada e até senti vergonha de ter me enrolado tanto nesta ação, mas sei que assim senti porque a resposta foi positiva e leve. Ainda considero a situação de vizinhança bastante tênue, e sei que o retorno poderia ter sido negativo e com desconforto pelas as escutas já realizadas. Neste caso eu teria que lidar com a situação também de forma leve e com desapego, tendo a mesma ética em desconsiderar o uso do material e respeito com a situação criada com os vizinhos.

Finalizo os parágrafos onde reflito sobre as sutilezas que podem ou não demonstrar a permissão das crianças (ou a falta dela), durante as pesquisas. Vozes, gestos, movimentos e olhares nos mostram sentimentos e sensações das crianças. Sem o intuito de ficar interpretando, mas “em presença”, com disponibilidade real para receber e respeitar o que surge da relação entre sujeito de pesquisa e observador. E se for preciso, ter a coragem do desapego, zelando e preservando os tempos e espaços das crianças, a sacralidade de seus universos e rituais.

Atento-me ao imprescindível ancoramento ético no processo de autorização nas pesquisas com crianças, que solicita presença e cuidado constantes, de acordo com cada situação, contexto e sujeito(s) pesquisado(s). E ainda, ao latente desejo de que o pedido de licença seja premissa não só para o trabalho de pesquisa, mas em todo contexto onde estamos inseridos com as crianças, chamando cada um de nós, adultos, ao respeito e preservação do espaço individual e singular de cada criança.

Tentativa de invisibilidade

Outro elemento que despontou como convite de investigação foi a tentativa de invisibilidade. O apontamento foi trazido pelo olhar atento de orientação neste trabalho, Renata Meirelles. Nas trocas de impressões sobre os conteúdos escritos, ela percebeu no registro de minha primeira ida a campo, com o menino T-Rex, a reincidência desta tentativa de ficar invisível. Logicamente, impossível.

Esta expectativa nasceu por meus cuidados em adentrar espaços tão íntimos das crianças e suas famílias, mas logo constatei que não era possível. Foi a primeira ilusão que evaporou na experiência real em campo.

Seria possível estar tão dentro e perto e ser esquecida? Acredito que não. Mas também não foi possível nas experiências em espaço aberto. Minha presença, mesmo de forma distanciada e silenciosa modificou a configuração do campo, adentrou o universo daquelas crianças, mexendo com ritmos, espaços, humores e formas de expressão. “Pousar os olhos sobre o outro nunca é um acontecimento anódino; o olhar efetivamente provoca apropria-se de alguma coisa para o melhor ou para pior. Ele é em material sem dúvida, mas age simbolicamente.”... “Olhar é um contato, ele toca o outro, e a taticidade que o reveste está longe de passar despercebida no Imaginário social”. (Le Breton, 2016, p.77 e 78, respectivamente).

Nesta pesquisa, só posso arriscar dizer que não modifiquei o processo da criança com minha presença nas práticas de escuta do “Menino Sonoro”, exatamente por ele não ter ciência de minha presença, na maioria das vezes.

A respeito desta entrada nas “casinhas das crianças”, seu território particular, Adriana Friedmann compartilha:

Quando adentramos o mundo de um outro, interferimos: mesmo que com a maior delicadeza que possamos ter neste nosso movimento, interrompemos, modificamos de alguma forma a ‘cena’ e o processo do outro. Não é somente o ‘estrangeiro’ que tenta se familiarizar com sua chegada a um território estranho, mas também as crianças visitadas que acabam mudando o que faziam para receber o visitante. (FRIEDMANN, 2016, p.41)

Do mesmo modo, configura um equívoco a tentativa de camuflar as ferramentas de trabalho, o processo de registro ou pedir para as crianças agirem como se não estivéssemos ali observando/registando.

Se o operador de uma câmera está desconfortável atrás da lente, o sujeito do enquadramento pode refletir isso diante dela. Se o fotógrafo está sentindo culpa por filmar, não promoverá boas sensações em quem está sendo filmado. Se o operador de câmera presencia uma cena e tem vergonha de filmá-la, a cena nunca será registrada. E, se o fotógrafo não reconhece o poder que a câmera traz para a relação, ele pode passar a abusar dela, mesmo que inconscientemente. Pedir à pessoa filmada para fingir que a câmera não está lá ou filmar sem permissão é um equívoco, é a negação do desequilíbrio que de fato existe. (REEKS,2016, p.26)

Embora a busca por invisibilidade apareça das descrições do encontro com o T-Rex, conforme trechos 1 e 2 dispostos abaixo, trago um recorte do encontro com a Pequena Cientista, no trecho 3, para mostrar que mesmo em espaço amplo, com a menina implicada na relação com o amigo, ela foi afetada pela minha presença.

Trecho 1: Sento-me no chão, tentando manter o distanciamento necessário pela própria pandemia, mas também em busca de uma impossível invisibilidade, almejando manter uma postura de não interferir na manifestação espontânea das duas crianças.

Trecho 2: Na empolgação do diálogo, mais uma vez eu tropeço nas expectativas e pergunto sobre os dinossauros, os animais e os espaços que ele brincava, me perco no que mais parece uma entrevista, me percebo andando na direção exatamente oposta à minha intenção inicial de passar despercebida.

Trecho 3: Claro que minha presença mudou a dinâmica do momento. Ela me olhou mais algumas vezes tentando disfarçar. Percebi que, ao me olhar, ela colocava o cabelo para trás da orelha. Continuei ali observando, mas tentando deixá-la à vontade, me ocupei com o ritual de sentar, abrir a mochila, pegar o caderno e a caneta, fechar a mochila.

Do mesmo modo que afetamos a dinâmica das crianças, somos também afetados, como experimentei e trouxe nos escritos sobre os atravessamentos que vivi em campo e na elaboração da escrita. Será possível isentar-se do que acontece em campo, distanciar-se ou negar os convites feitos pelas crianças? Também acredito que não. E creio que se alguém consegue ou escolhe privar-se deste movimento, priva-se da grande maravilha que é o encontro e o afeto.

Assim é que esta experiência de observação nos remete não apenas ao olhar, mas as sensações que acometem o pesquisador em campo. Praticar a observação etnográfica consiste em se permitir afetar por aquilo que importa ao outro, que o atinge e afeta. É preciso compartilhar não só espaços e lugares, refeições e rituais, mas deve haver uma reciprocidade de sentidos e experiências, compartilhamento de sensações entre pesquisador e sujeitos de pesquisa, sendo esta uma condição sem a qual não se pode vivenciar o campo. (SOUSA, 2015, p.153).

Aqui, não defendo o abandono dos procedimentos e responsabilidade da pesquisa, ou incito o transbordamento dos sentimentos oriundos da própria infância do pesquisador, que podem aflorar e se confundir no processo de observação. Apenas sublinho, a partir do pouco tempo que estive em campo, mas que já foi o rompante para transformações, quantas infinitas possibilidades se abrem ao nos permitimos ser afetados pelos encontros com as crianças em nossos trabalhos.

Na primeira ida ao campo (conforme trecho 4), me peguei tentando mensurar o quanto eu deveria ou não aceitar os convites das crianças. Não me refiro a ser afetada e estar disponível passivamente, mas brincar junto mesmo, deixar as anotações e análises para depois, mergulhar junto no fenômeno que ali acontece.

Trecho 4: ...o bebê me observava, curioso. E quando eu finalmente percebi e nos olhamos, ele vibrou e sorriu. Com o corpo todo seguiu comigo neste encontro, balançando para frente e para trás. Quando eu tentei algumas palavras, ele se retraiu, desconfiado, mas ainda se divertindo no que me pareceu uma proposta de brincadeira...

Quando eu, ainda encontrando os caminhos para estar dentro ou fora desta vivência e observação, verbalizei a frase "Ah, ele se escondeu..." (mais propositiva do que eu gostaria de ter sido, confesso), rapidamente ele acatou como proposta de novo brincar, pegou alguns dos bonecos dinossauros que estavam no sofá, e começou a esconder embaixo da almofada e depois descobrir para me mostrar, alguns selecionados ele me entregava.

Felizmente, após este primeiro impasse, que logo foi dissolvido com a ajuda do Bebê Dino, segui desperta para esta disponibilidade. No encontro com Aurora, eu já havia acionado outra abertura em ser conduzida e embarcar no que ela me mostrava e propunha para nós, acreditando que mesmo com caderno e caneta abandonados no chão, era registrada no meu corpo toda aquela experiência.

Mais uma vez, recorro às palavras de Lydia Hortélio, ao nos convidar a "Aprender Menino", a oferecermos cada vez mais aos pequenos a guiança do mundo, que é também atuarmos pela garantia de que eles tenham vez e voz.

Confio que esta abertura para a potência dos encontros agrega ainda mais significância à atuação do pesquisador e todo material resultante da pesquisa. E ainda, não menos importante, amplia a possibilidade de uma experiência real a este ser, sujeito pesquisador, que busca enveredar-se por outros territórios, mas com esta busca é convidado a abrir caminhos também em si mesmo. Afinal, "é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada afeta, ameaça, a quem nada ocorre." (Larrosa,2020,p.26). Eu acredito!

Ampliando sentidos e sentido

*De vez em quando
Deus me tira
a poesia. Olho pedra,
vejo pedra mesmo.
(Adélia Prado, 1991)*

Quantas reflexões e insights me proporcionaram a prática de escuta e observação com as crianças! E quanto ainda tenho a aprender!

Durante a pesquisa em campo, com as crianças que observei diretamente ou na prontidão e espera no corredor da minha casa, para escutar o brincar do meu vizinho, estive em contato com uma percepção muito forte ao que me acontecia. Me reconheci e encontrei nesta prática, sentindo bastante felicidade em empreendê-la.

Em minha formação acadêmica em teatro e no desenrolar da minha trajetória como contadora de histórias, já pratiquei diferentes formas de observação e registro para a criação artística ou preparação do ator/contador de histórias, abordando não só o intuito final de um espetáculo ou história, mas considerando a técnica e o repertório de habilidades físicas e vocais deste corpo que é o instrumento de trabalho dos artistas da cena. Já me atentei a musculaturas, qualidades vocais, e gestos de seres humanos; observei também objetos e imagens, tudo com posterior descrição minuciosa. Já saí à deriva por territórios desconhecidos, desbravando e me abrindo a encontros e trocas. Já pratiquei muitas vezes a proposta de olhar investigador e disponível nas técnicas de contar história. Entretanto, nenhuma ação anterior foi tão reveladora quanto a escuta e observação com as crianças.

Logicamente, chego aqui hoje forjada por tudo fiz, e estas experiências anteriores me ancoram nas percepções de mim e dos sujeitos de pesquisa, auxiliam na prática da descrição detalhada e norteiam as escolhas para esta narrativa. Só tenho a agradecer e honrar por tudo que já experimentei e me formou.

O que trago diz respeito a uma revelação de postura, um espaço de zelo e profundo respeito ao sujeito observado, à custa, inclusive, de abrir mão do que se está “coletando” caso os caminhos desta busca não condigam com princípios éticos que devem selar a relação de sujeito observador e sujeito observado. Diz também respeito ao exercício de conter meu olhar impregnado de devaneios criativos, olhar pedra e ver pedra mesmo; e ainda, questionar a prática propositiva inerente na

prática artística, a qual tive que aprender a suspender na pesquisa com crianças, pois eu não estava ali para ensinar ou apresentar, eu estava aprendendo com elas.

Encontro na nitidez das palavras de Friedmann, preciosas constatações que me servem de conselhos acerca da postura e do olhar antropológico:

“A postura antropológica muito mais sugere a necessidade de nos abirmos para aprender com os outros e dos outros – das crianças -, apreender e sentir suas realidades, seus momentos, seus valores, seus jeitos de ser e viverem suas infâncias naquelas oportunidades em que, de perto, temos o privilégio de poder acompanhar esses retalhos das suas vidas” FRIEDMANN, 2016, p.40)

...

O olhar antropológico tem muito mais a ver com que o observador fique em contato com suas próprias emoções, percepções e diversas vozes internas, do que com interpretar e querer ‘nomear’ ou ‘classificar’ aquilo que as crianças expressam. (FRIEDMANN, 2016, p.42)

Mais uma vez, em destaque a um apontamento que emergiu nos meus registros em campo, relembro do exercício e busca deste olhar antropológico e da atenção para não interpretar excessivamente. Não que não buscasse o preciosismo da descrição e detalhamentos dos que ali se apresentava, mas me atentei em não tentar entender tudo, nem cair em classificações ou no aprisionamento dos rótulos. Tentei estar presente e encontrar caminhos que dessem conta de perceber e posteriormente retratar em palavras toda a diversidade e potência contidas nas manifestações das crianças e na minha própria experiência ali. Acredito que consegui bastante, mas como já trouxe, ainda tenho muito a aprender.

A maior complexidade que vivenciei nos encontros com as crianças foi estar totalmente entregue ao processo, nesta assumida narrativa de bastidores, mas atenta para não trazer à frente das traduções e leituras interpretativas os meus próprios complexos, principalmente os nascidos das minhas experiências emocionais da infância. Cuidei para não projetar nas crianças tudo que com certeza aflorou em mim a partir dos encontros e para tanto foi também essencial o distanciamento do campo e o decantar do material desenvolvido.

Também cuidei dos hábitos e opiniões do meu olhar, ciente de que ele não é imparcial, já é também afetado pelo que sou e tudo que me forma. “O olho é sem inocência, ele chega às coisas com uma história, uma cultura, um inconsciente. Ele

pertence a um sujeito. Enraizado no corpo e nos outros sentidos, ele não reflete o mundo, o constrói por suas representações” (Le Breton, 2016, p.93).

Mas até mesmo nisto, sinto que as crianças, mais uma vez, muito nos ensinam. Pelo seu próprio processo de crescimento e desenvolvimento e pelo seu impulso de vida e desbravamento, elas não se mantêm, e nos convidam a não ficarmos, muito tempo parados no mesmo lugar, nem nas nossas certezas.

Segundo a antropologia dos sentidos, toda percepção sensorial é, em primeiro lugar, a projeção de nossas significações sobre o mundo, não depende só da fisiologia, mas é tramada na simbólica social, no universo sensorial em que cada um de nós está inserido, deixando uma margem à sensibilidade individual.

O antropólogo desconstrói a evidência social de seus próprios sentidos e se abre a outras culturas sensoriais, a outras maneiras de sentir o mundo. A experiência do etnólogo ou do viajante é geralmente a do despovoamento de seus sentidos, ele é confrontado com sabores inesperados, com motores, músicas, ritmos, sons, contatos, e usos do olhar que sacodem suas antigas cortinas ele ensinam a sentir outra mente sua relação com o mundo e com os outros. Os valores atribuídos aos sentidos não são os de sua sociedade. (LE BRETON, 2016, p.18).

Acredito que a experiência antropológica, ainda mais a dedicada ao trabalho com as crianças, é um convite a ampliarmos as percepções e reconhecermos a sabedoria das mesmas, seus modos e diversidade. Experimentei e constatei este processo de expansão a partir deste trabalho, guiada por esta abordagem.

Novamente, foi necessário exercitar o desapego, agora das minhas próprias percepções. Embarcar na proposta de travessia e relembrar meu ser viajante em novas paisagens, cheiros, sabores, texturas e sons. Receptivo e despido da certeza de já conhecer algo, experimentando outras formas de absorver cada experiência. Não se isentando do próprio corpo e da presença, mas buscando abrir caminhos reais para o encontro com o outro. Como defende Ingold, “levar os outros a sério”, pois “levar os outros a sério não significa encerrar o caso, mas abrir-se para imaginações enriquecidas pela sua experiência.” (Ingold, 2019, p.15).

Sigo firme no intuito de, cada vez mais, levar as crianças a sério, aceitando o convite que o encontro com elas me traz: a constante aprendizagem e abertura dos sentidos e sentido.

Escutatória

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e sutil...
(Rubem Alves, 2011)

O desafio de escutar uma criança, sem vê-la, me trouxe inúmeras reflexões sobre a própria escuta, para além da capacidade de ouvir, mas exercitar um ouvir atento, dedicado ao que chega, a voz de outra pessoa ou os sons do mundo.

Também me fez pensar sobre a supremacia da visão. O quanto nossa sociedade ocidental tem na visão sua primeira referência de crença e garantia de certeza (me refiro à nossa sociedade ocidental porque outras sociedades privilegiam outros sentidos na sua relação com o mundo). “O uso corrente da noção de visão de mundo para designar o sistema de representação (ainda uma metáfora visual) ou um sistema simbólico próprio a uma sociedade traduz a hegemonia da visão em nossas sociedades ocidentais, sua valorização, e faz com que não haja mundo senão para ser visto. (Le Breton, 2016, p.16).

Estamos rodeados de expressões, ditados, e metáforas que chancelam cotidianamente esta hegemonia da visão: “*Ver para Crer*”; *Ver com os próprios olhos*; “*Os olhos são a janela da alma*”; *Uma imagem vale mais que mil palavras*; *O que os olhos não veem, o coração não sente*; *Salta aos olhos*; entre tantos outros. Entretanto, sabemos que a visão também traz em si a história de quem vê e que por ser um sentido tão solicitado muitas vezes passa os olhos somente pela superfície do mundo. Percebe a existência de algo, mas nem sempre se dedica e se compromete com o que é visto. Eis um novo convite para a dedicação em olhar, contemplar, observar.

Também a audição está propensa a deixar-se ir sem atenção. Embora não seja possível “fechar os ouvidos” - e mesmo nos afastando de algum barulho que nos incomoda ainda podemos ser alcançados por ele -, assim como no mundo visual, estamos mergulhados num mundo sonoro onde muitas vezes damos maior ou menor atenção ao que nos chega. Um universo sonoro é formado fazendo com que nos acostumemos com nossa paisagem sonora, por exemplo, um som diferente na casa gera uma preocupação ou um silêncio demasiado onde costuma ser ruidoso. Quantas vezes não dizemos: “Vou olhar o que está acontecendo, as

crianças estão quietas demais?”. A escuta é algo que aprendemos e, portanto, pode ser ampliada e aprofundada.

Certa vez, escutei de François Moïse Bamba⁹, contador de histórias de Burkina Faso, que, tão importante quanto o seu ato de contar eram os ouvidos que davam sentido ao que era contado. Sabedoria de quem conhece tanto a força da palavra, da escuta e do silêncio, que não se perde em palavrórios, e quando ouve, ou fala, o faz em muita presença.

Estes meses de escuta ao meu vizinho, sem a suposta garantia da visão, trouxe caminhos de muita atenção, possibilitando inclusive que eu conhecesse a rotina do menino no tempo reservado a brincar no quintal. Mas esta escuta era focada em minha imaginação e criatividade. Com o convite a uma escuta aprofundada e descrição minuciosa, atentando-me a cada camada desabrochada neste mundo sonoro, cuidei de perceber e detalhar a coisa em si, suspendendo as representações e devaneios. Mesmo utilizando a representação como recurso para criar imagens a quem lerá os escritos, ela não é mais a “forma de escutar”, mas a “forma de descrever”, um meio para descrição de algo mais puramente apreendido.

Sempre considerei a escuta uma forma de disponibilidade, relacionando principalmente ao ato de silenciar, me dispor a ouvir ou ouvir cada elemento separadamente (no caso da vivência musical). Mas o exercício de aprofundar e traduzir a descrição das qualidades sonoras foi mais uma revelação.

Assim, aprendendo mais um pouco a escutar, constato que após trinta dias de escuta apurada, houve uma significativa transformação em mim. E mesmo agora, quando já não estou mais comprometida com o registro (não mais para o TCC) sigo a partir de um novo paradigma na relação de escuta com o Menino Sonoro.

Os diferentes estímulos e reflexões que me conduziram nesta travessia, respaldada nos referenciais prático-teóricos que ancoram esta pesquisa, me convidam a uma prática desperta aos sentidos, sua ampliação e dedicação. Não só a visão e a audição, enfocados nestes parágrafos, mas a conjunção de todos os sentidos na presença do mundo, que é como eles existem de fato, não de forma fragmentada, mas trabalhando em sua totalidade, em sinergia e ação comum. “A todo instante a existência reclama a unidade dos sentidos” (Le Breton, 2016, p.58).

⁹ Comunicação Oral de François Moïse Bamba durante aula virtual em novembro de 2020.

Jantas narrativas

Mais um elemento que despontou nos meus registros (o último dos que pincei), que iluminou reflexões e encantamento durante os encontros com as crianças, foi o vastidão de narrativas contidas em seu brincar e nas histórias verbalizadas por elas - que presenciei e onde também estive envolvida e atuante. Estive envolvida porque ao percebê-las fui imediatamente magnetizada pelas mesmas, acompanhando em detalhes e tocada pelos sentimentos nascidos dali. Atuante porque as crianças me inseriram nestas narrativas, me atribuindo algum personagem ou função, e também como ouvinte de seus enredos.

Observei e escutei muitas narrativas através da expressão das crianças, algumas verbais e outras não. E que grande desafio ler as histórias não ditas, mas que são contadas! Ainda mais sem cair na tentativa de interpretação e análise, para o qual eu não tinha nem objetivo e nem atributos.

Embora ciente de que estas tramas estão repletas de mensagens e símbolos, meu propósito estava em observar e acompanhar seu acontecimento, perceber seu impulso disparador, suas possibilidades, sua corporeidade, e também vivenciar a possibilidade de vínculo ao ser ouvinte e observadora atenta aos seus contares.

Movimentos, gestos, olhares, silêncios, tempos, sons, cenários, objetos, apontamentos e também a própria palavra, muitas vezes ainda entrecortada, cochichada e não tão bem pronunciada, pularam aos meus sentidos com toda força.

Mas será possível que a descrição dê conta de traduzir o que está contido nestas narrativas? Aquelas em palavras pronunciadas e, mais ainda, aquelas não ditas? Mesmo que o mecanismo das crianças para narrarem suas experiências nem sempre sejam as palavras e quando as são talvez ainda não estejam configuradas na linguagem articulada dos adultos, é mais uma vez na própria palavra que me apoio. Na força das palavras que compomos juntos, como seres de palavras que somos.

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (LARROSA, 2020, p.17).

Me empenho na tarefa de buscar na trama das palavras o caminho para dar forma de escrita a todo o universo narrado na experiência das e com as crianças, tentando traduzir da forma mais respeitosa e coerente com a realidade vivenciada, e compondo também em narrativa, conexão a quem deseje encontrar as narrativas dessas crianças. Eis alguns trechos:

Encontro com T- Rex e Bebê Dino

Trecho 1: _Vamos montar um castelo com um bloco! - propõe a mãe.
_Vamos!

É com esta resposta todo o corpo de T-Rex estremece em movimento, levantando! Pula no sofá, apoia o corpo no encosto, depois se joga para frente, pula e vai até o *rack* pegar a caixa com os blocos. Faz este trajeto para chegar exatamente na caixa que estava bem atrás dele no momento da proposta da mãe. Percebo sua travessia, corpo todo em ação. Mais que o objetivo final é a importância de toda energia e presença empreendida.

Trecho 2: Todo o seu corpo contou para mim o fio da sua narrativa, antes mesmo de surgirem as palavras. Uma investigação minuciosa, corpo todo dedicado naquela ação, a nítida intenção do fazer.

Eram gestos precisos ao pegar, conferir, colocar de lado com a expressão de agrado ou desagrado. Gestos dele, mas também universais, que eu reconhecia em outras crianças que observei e nas memórias da criança que fui. Em seguida, ao levantar a cabeça e sair do círculo ensimesmado que seu corpo formava, olhou novamente para o entorno, num movimento de contração e expansão, como um ciclo de buscar, aceitar, investir, experimentar e assimilar... como um inspirar e expirar. E então novos interesses e descobertas, o corpo miúdo todo disposto a ser afetado por algo que chamasse sua atenção e brotasse no fértil terreno do seu imaginário, e então, foi.

Nestes dois trechos do encontro com o menino T-Rex, acompanho o fio narrativo que me mostra seu corpo. Ambos me remetem à imagem do pirata trazida por Larrosa, ao discorrer sobre a etimologia da palavra *experiência*:

A palavra *experiência* vem do latim *experiri*, provar (experimental). A *experiência* é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova...

Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da *experiência* tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. (Larrosa, 2020, p.25 e 26)

Ali estava um corpo em travessia, e eu ia junto. Em seguida, T-Rex me presenteou com uma nova narrativa, em voz, onde ganhei atuação:

Trecho 3: _Então vamos entrar. Ah, não! Tem um monstro aqui! - colocando embaixo das almofadas um dos dinossauros. _Coitado, eles estão morrendo. Tem um bicho lá dentro, preso. É o T-Rex! Arrrgggggg (imitando o grunhido do animal). _Corra, se ele sair, estamos perdidos! Joga aqui estas almofadas.

Era um comando para mim, com voz de muita sabedoria e liderança. Rapidamente atendi o seu pedido e lancei todas as almofadas do chão...

Finalizo os trechos do encontro com T-Rex trazendo um trecho que considero especial e, apesar de conter um viés de interpretação do acontecimento, reflete sobre o quanto as crianças acatam nossas narrativas sobre elas. Recordo de uma amiga contando que, quando criança, seus pais perguntavam o que ela queria ser quando crescer, e ela respondia logo: “Doutora”, por saber que era o que os agradaria e faria com que parassem de perguntar por alguns dias.

Trecho 4: Conta! Um, dois, três... até vinte blocos. Mas sempre pula o dezoito, é o que diz ele e a mãe. Riem.

E eu presencio então aquele olhar de vínculo profundo. Percebendo também nele a acolhida do fato de sempre esquecer mesmo o número dezoito ou quem sabe para acatar e agradar o que é dito sobre ele pelos adultos.

Encontro com Aurora

O encontro com Aurora, repletos de narrativas variadas, expressas no corpo, nas palavras, de forma espontânea e também selecionada por ela, a partir do que escolhia me mostrar.

Trecho 1: E quando percebeu que eu havia terminado me guiou pela sala e cozinha, apontando alguns detalhes da casa para onde haviam se mudado recentemente: apontou o caminho onde ficavam os quartos, uma ilustração de árvore pintada na parede da sala, o mosaico de flores presente no balcão da cozinha, a panela onde a mãe estava cozinhando milho para nós e, ao chegarmos à varanda no fundo da casa, o toco de madeira que ela desejava me mostrar no início trajeto.

Apontando cada um destes espaços/objetos/situações e nomeando-os para mim, narradora de mundo. Criou ali sua narrativa, e eu respeitei, me atentando somente ao que ela indicava a cada vez, sem buscar o entorno por mim mesma.

Os impulsos que a conduziram para escolher cada elemento e, passo a passo, compor o “fio da meada” desta narrativa, eu nunca saberei. Seria sua própria preferência? Seria a reprodução da narrativa da mãe, misturadas à atualização das ações rotineiras daquele dia? Teria alguma relação comigo ou com a lembrança do que já brincamos? Seria uma escolha aleatória? Ou ainda, um pouco de tudo isto?

No trecho acima, fiz o exercício de buscar não interpretar os impulsos para sua seleção ao me narrar seu mundo, sua nova casa.

Abaixo, ela continua me mostrando mais sobre ela e eu escuto com atenção, mas busco também observar o que seu corpo me contava junto naquele momento:

Trecho 2: Olha o que eu sei fazer!

Alinhou a coluna e respirou fundo, concentrada. Pausa. A perceptível suspensão do tempo no segundo anterior ao passo. Mais uma vez observo seu corpo em prontidão. Então dá um passo e apoia um pé no tronco. Impulso, o outro pé e o corpo todo em cima do tronco, equilibrando-se: _Ô, ô, ô....

Coluna dobrando-se para frente e para trás, em contraponto ao rolamento do tronco, braços abertos, auxiliando na frágil estabilidade. Em segundos, o tronco rola e, num pulo, Aurora apoia os dois pés novamente no chão.

Ainda na adrenalina daquele desafio, ela me olha, sorrindo e conferindo se eu estava assistindo sua performance: _Viu?

No trecho abaixo, Aurora me mostrou também o cenário de um brincar anterior, ainda montado. A organização do espaço e objetos, a presença da boneca dentro com o material escolar, contava uma história inteira. E mesmo ali, estático, sem a implicação da menina em brincar naquele momento, promovia em mim a sensação de um enredo que continuava acontecendo.

Trecho 3: Senta-se ao meu lado para descalçar os patins. Pausa o movimento para apontar o seu “ônibus escolar”. Observo agora com detalhes e nomeação o que eu já havia visto de longe e supus serem somente objetos para organização do espaço: uma arara de roupas e um caixote de madeira. Observando de perto percebi que estavam conectados por um tecido de malha trançado, para que um puxasse o outro durante o transporte. Também pude conferir que dentro do caixote havia uma boneca, a primeira passageira daquela condução, e junto dela uma pasta com papéis e caneta, seu material escolar.

Por fim, as narrativas que ela trouxe em voz, puxando o fio da memória e também narrando suas ações e preferências ao desenhar durante nosso encontro:

Trecho 4: Volta então para mim em tom de partilha:

_Você quer saber a história inteira?

_Qual?

_Da Belinha

Respondo que sim. Ela conta, enquanto faz carinho na cachorra.

Meu pai foi jogar o lixo lá fora. Aí, de repente o cachorro dele, que chama Zico escapou e achou a Belinha e trouxe assim na boca - faz a expressão do cachorro carregando algo na boca. Ela tava muito durinha, aí meu pai cuidou dela e me deu.

Aperta mais um pouco a cachorra que vai para outro cômodo.

Trecho 5: Escreve o próprio nome em letras bem grandes. Ao mesmo tempo reinicia sua narrativa, onde ações e palavras se complementavam e repetiam.

_Talvez eu possa arrumar assim. Gosto de escrever meu nome e também “Aurora”.

Encontro com a Pequena Cientista e o Pequeno Aprendiz

As narrativas criadas pelos Dois Aventureiros foram abundantes e contínuas. Talvez pela própria relação entre pares, em poucos minutos, muitos enredos, personagens, ritmos, espaços, propostas, regras e investigações surgiam. Além das narrativas verbalizadas em enredos criados, foi também possível observar o que seus corpos contavam, na alegria de brincar. Trago este único trecho onde é possível conferir uma amostra do que continuou florescendo por horas:

Trecho 1: Continuaram a conversa. Ela convida o menino:

_Você pode escolher o que você quer ser! Pode ser qualquer coisa. Eu serei uma onça pintada que é muito rápida!

_E eu sou um tigre!

_Eu sou a rainha!

Ele levanta-se do banco, ergue as mãos imitando as garras de um animal, e grita:

_Eu vou te comer! Uaaaaahhhh!

Ela refreia o movimento e impulso do menino, segurando seus braços.

_Peraí que vou escolher um animal diferente.

Ele acata: _Vamos ser o que então?

_Já sei! Serei um trenzinho! Corre! – ela sai em disparada gritando o restante da frase enquanto corre em volta do quadrado gramado. _Ele tem que ser rápido para as crianças se divertirem.

Ele corre atrás dela, na verdade já estava correndo desde que ela disparou a correr também. Percebo a liberdade de seus corpos. Ela com um jeito de jogar os braços para trás, como num voo, enquanto sacudia as mãos.

_Eu quero ser uma cientista!- ela grita.

_Eu quero ser um banquinho!- ele responde.

_Banquinho?!

_Vou ser um cientista também... pequeno.

_Um elefante! – Ela replica. _Vou cuspir água em você.

Voltam ao mesmo banco onde tudo começou.

Eles “brincaram de ser” asteroides, exterminadores, rainhas, guardas, ninjas e muito mais. Cuidaram um do outro. Correram, apostaram corridas, investigaram cheiros, mediram o tamanho das formigas e folhas. Imitaram o Tarzan. Dialogaram sobre as águas dos rios da Amazônia. E ainda cuidavam para não serem derrotados pela arqui-inimiga de parte de suas tramas, a dragoa (eu).

Trecho 2: Aproveitando a movimentação, ousou me aproximar um pouco, para um banco mais perto deles. Talvez até para uma conversa. Escuto ela segredar para o menino:

_Aquela dragoa está vindo! Vai nos derrotar.

Assim, sou inserida na narrativa deles. Ou foi onde percebi que estava inserida por ser verbalizado mais alto. Talvez eu já estivesse inserida antes, bem como sabia que minha presença interferia a fluidez de seus brincares.

Escuta do Menino Sonoro

Nos dias dedicados à escuta do Menino Sonoro, consegui perceber e acompanhar muitas narrativas. Dentro das possibilidades de pronúncia de sua idade, consegui, muitas vezes, decifrar o que ele dizia a partir do contexto real ou imaginário. Algumas vezes arrisquei supor pela proximidade com alguma palavra. Reconheci também a letra de uma música que ele cantava, por conhecer a melodia.

Além do que eu conseguia traduzir do que foi dito, todo repertório sonoro produzido por ele foi matéria para a narrativa que eu busquei concretizar em escrita, muitas vezes supondo o que poderia ser cada fenômeno ou material utilizado na ação para criar as imagens a serem lidas nesta pesquisa. De certa forma, mesmo não recebendo os convites para ouvir suas histórias e não ganhando um “papel” na trama criada por ele, como aconteceu nos encontros com as outras crianças, com a necessária descrição dos seus sons e a transformação em imagens (mesmo nas que não tive certeza), tive a sensação de estar também dentro das suas narrativas.

Compartilho, por fim, constatações do que senti ao presenciar e vivenciar as tantas narrativas das crianças. Ficou nítida a minha equivocada tentativa de entender as narrativas, me ausentando da própria experiência. Na maioria das vezes consegui perceber e espantar este automatismo, mas com certeza, algumas vezes eu nem percebi. Assimilando os ensinamentos desta constatação, saio fortalecida, mais uma vez, na confiança que o melhor caminho é a disponibilidade ao oferecido pelas crianças, livre das adultas expectativas, experimentando verdadeiramente de suas narrativas e imprimindo também no corpo tudo que elas contam.

Do mesmo modo fortalece-se mais em mim a convicção de que todo conteúdo desenvolvido nesta escrita tem como matéria-prima central a presença, a ação, os estímulos e a generosidade das crianças em permitirem que eu adentrasse seus mundos e acompanhasse seus fazeres, destacando assim a coautoria destas crianças neste trabalho, que não seria possível sem elas, a quem agradeço e reverencio.

Uma história sem ponto final

_Você avança com a cabeça voltada para trás? - ou então: _O que você vê está sempre às suas costas? - ou melhor: _A sua viagem só se dá no passado?

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.
(Ítalo Calvino, 1990)

Muitos caminhos me trouxeram até aqui, esta escolha de viver os encontros com as crianças, incursionar em seus mundos e reconhecê-las em seus contextos e particularidades: a busca de respeito à diversidade destas crianças (as tantas infâncias); o intento de libertá-las de rótulos, silenciamentos, estereótipos e do equivocado paradigma de alguém que “virá a ser”; o desejo de dizer um “Sim” tão alto que abafe os incalculáveis “Nãos” disparados automaticamente a elas; e a esperança de andar de mãos dadas com a menina que fui, tranquilamente.

Eis a bagagem com a qual parti nesta Palavra Travessia. Eu, contadora de histórias, lançando meu fio da meada em busca de palavras que me ajudassem a ler e contar dos encontros com as crianças. Uma travessia narradora da minha experiência de escuta e observação, repleta de querer, sentimentos e perguntas.

Na chegada, que não intenciona a ilusão do fim ou das certezas absolutas, esta narrativa de bastidores configura-se como uma história sem ponto final, mas antes, celebra a oportunidade da expansão vivida e fortalece o ímpeto de seguir... em reticências... com a bagagem ainda mais cheia de desejos e perguntas.

“Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só fazer outras maiores perguntas”.
(João Guimarães Rosa, 2001)

Aprendi muito com o exercício de escutar e observar, através da abordagem antropológica. Aprendi muito com minha primeira experiência de escrita acadêmica (em minha graduação a conclusão do curso foi através da montagem de um espetáculo). Aprendi, tanto também, desvelando os escritos dos pensadores, autores e mestres de referência das áreas de conhecimento e linguagens que ampararam todo o trabalho, e depois criando pontes e diálogos dos mesmos com os

conteúdos levantados por mim na pesquisa. Aprendi mais sobre minha escrita, minha narração, minha palavra. E sobre meus sentimentos, meus limites, minha ética, meus medos, minhas potencialidades, tive a dádiva de aprender também.

Eu cheguei ao território das crianças com muita disponibilidade e entrega, em busca de seu brincar e narrativas espontâneas, mas ainda carregava diversas expectativas da prática em campo, por exemplo, acreditar que precisava da situação ideal (aquela que eu idealizava) para a tal espontaneidade se mostrar. Felizmente, em pouquíssimo tempo em campo, as ilusões começaram a evaporar, dando lugar ao potencial da experiência real, caso eu estivesse disposta a vivenciá-lo. Eu estava. E a cada nova descoberta, conquistada através dos desafios e das delícias, mais minha disposição e intenção em seguir se fortalecia.

Como contei, nos encontros com as crianças, o tempo todo, fui convidada a ver o desabrochar da vida, da intenção, da investigação. O espontâneo, com toda sua força, estava presente, mesmo nas situações mais adversas ou não idealizadas por mim. Ela estava no trajeto de um menino para buscar a caixa com blocos e na vibração do corpo de um bebê ao ter um olhar cúmplice. Estava no som produzido por um pedaço de papelão e na criação de um ônibus escolar. Estava até mesmo na nomeação de uma dragoa a alguém inesperado ou na corrida para ver a pipa que sobrevoava e dançava acima de dois quintais vizinhos. A grande revolução foi desvendar o meu próprio olhar para ver o espontâneo, sem classificações, sem julgamentos, sem a forma que eu desejava, mas o que ele era.

Agora, no necessário arremate da pesquisa, reúno e trago as considerações finais dos tantos fios, os diversos caminhos que a travessia revelou, onde tive a oportunidade de aprender, sugerir, perguntar, defender, convidar, reinventar, compreender. E todo o ensinamento incorporado reverbera não só a consciência de novos conhecimentos, mas também a modificação engendrada em mim, o que sinto essencial para a assimilação total da experiência vivida.

Aprendo então, na prática, que qualquer tentativa de invisibilidade na pesquisa de campo com as crianças é um equívoco, pois a minha presença já provoca e modifica seus territórios e a dinâmica de suas ações.

Compreendo que a experiência em campo com as crianças é um convite para a expansão dos meus sentidos e sentido, abrindo caminho para o afeto do encontro, mostrando outras formas de perceber o mundo, chamando para a disponibilidade, desapego e confiança na guiança das crianças e no inusitado.

Por falar em sentidos, constato como o exercício de escuta e observação atentas e descrição minuciosa de cada fenômeno são preciosas aprendizagens para refinar os sentidos e a própria pesquisa, auxiliando na suspensão e reinvenção dos hábitos criativos do meu olhar, em busca de focar no fenômeno em si.

E ainda, celebro as tantas narrativas, presentes nas vozes e corpos das crianças. Busco caminhos para percebê-las, livre de tentativas de interpretação, mas com disponibilidade em ler, ouvir e até mesmo integrar suas tramas, agradecendo a generosidade das crianças em aceitarem que minhas palavras sejam pontes para as infinitas histórias que elas (as crianças) constantemente contam.

Tudo isto, alinhavado pelo fio da ética, com o qual entendo mais sobre a importância dos processos de autorização por parte dos responsáveis pelas crianças e por parte das crianças, bem como as sutilezas que podem demonstrar a aceitação das crianças (ou a falta dela) em campo. Com o mesmo fio da ética, reforço a atenção ao movimento de manutenção desta autorização, tendo o respeito e a honestidade como balizadores na percepção do momento de parar, diante de qualquer desconforto das crianças, zelando pelos tempos e espaços das mesmas.

Defendo, a partir de tantas reflexões e transformações estimuladas por esta experiência, o quanto a pesquisa se faz mesmo ao pesquisar, na ação efetiva de estar em contato com as sujeitos pesquisados, neste caso as crianças; e na continuidade do encontro, que se faz no reencontro com o conteúdo registrado e na dedicação em desenvolver da melhor forma possível, na materialidade desejada, o resultado final a ser para compartilhado. Com isto, acredito ser imprescindível a presença desperta para avistar caminhos profícuos que podem surgir, talvez bem diferentes dos inicialmente previstos na concepção do trabalho; e disponibilidade, desapego e confiança para acolher tais caminhos e, se for preciso, rever e modificar a metodologia, a abordagem, os instrumentos utilizados em campo, as perguntas, e tudo mais que for preciso transformar dentro e fora de si para a fluidez de toda potência que só o dedicado encontro com as crianças pode nos revelar.

Em resumo, o objetivo primordial da antropologia não é etnográfico, mas educativo. Em minha opinião, a importância da antropologia reside precisamente no seu potencial de educar e, através dessa educação, de transformar vidas - as nossas próprias e as daqueles entre as quais trabalhamos. Mas esse potencial apenas se concretizará se estivermos dispostos a aprender com eles. (INGOLD, 2019, p.13).

Tenho muito a agradecer! Com o apoio dos guias teóricos que ampararam os diálogos e argumentos desta pesquisa; com os conselhos e experiência de profissionais que admiro e me acompanham neste processo; e principalmente, com a permissão e parceria das crianças que motivam e compõem este trabalho, entrego, enfim, minha Palavra Travessia. A narrativa de uma experiência de escuta e observação com as crianças, composta por reflexões conceituais, mas também por sentimentos, vulnerabilidades e transformações vivenciados por mim.

Para muito além do cumprimento da pesquisa que me propus a incursionar, cada experiência transbordou para percepções profundas e transformadoras. São transformações éticas, metodológicas, atitudinais e sensoriais.

“Não se trata de descrever outras vidas, mas de unir-se a elas na tarefa comum de encontrar formas de viver.” (Ingold, 2019, p.13). A tecitura desta escrita, fruto do corpo atravessado pela experiência, me presenteou também com belas conexões, dentre elas, a conexão com o renovado apreço pela minha escrita, vestida assim de caminho para cada uma das crianças com quem estive. Sigo outra, sendo ainda mais eu mesma.

Embora as exigências institucionais para este trabalho de conclusão de curso permitam a liberdade de meus caminhos lúdicos - e eu utilizei esta liberdade - reconheço e celebro a capacidade de minha escrita tanger também o rigor científico, fomentando diálogos e intencionando-se território de encontros e reflexões rumo às necessárias mudanças para que as crianças sejam reconhecidas e respeitadas em seus saberes e diversidade.

*Mudar o mundo, meu amigo Sancho, não é loucura, não é utopia, é justiça.
(Miguel de Cervantes Saavedra, 1981)*

Este é o repouso. A entrega. O suspiro. O último passo ou o primeiro dos próximos? Celebro a chegada, na confiança desta travessia como propósito, caminho contínuo em ciclos espirais que se expandem e recolhem.

Acredito nas palavras que encontrei para compor esta narrativa, não porque refletem profundo saber após toda a trama, mas porque são as mais genuínas palavras da minha experiência. Sinto que, em sua simplicidade, elas condizem com a natureza de toda narrativa, não se fecham na boca (ou escrita) de quem conta. Desejam seguir, aumentando seu ponto...

Palavra Tagarela

*A palavra não se cala
Pula da boca e ganha a sala
Falada, cantada, declamada
E se tropeça, vem engasgada
E ainda, para todos alcançar
Também vira sinal, desenhada no ar*

*Pode ser grande ou bem pequenina
Tem tanta força que nem imagina
Palavra que acalma, que fere, que anima
Palavra que conta, palavra que rima*

*E todo cuidado quando a língua solta
Se a palavra sai, já não tem mais volta*

*Ao pé do ouvido ela vira cochicho
Mas respeita o silêncio, no maior capricho
Sabe ficar quieta para não ter conflito
Nem sempre dá pra ganhar no grito*

*A palavra também é muito curiosa
Nunca dispensa uma boa prosa
E se exagera o que ouviu no caminho
De boca em boca vira burburinho*

*A palavra interroga, exclama, sonha
Mostra o que sente, não se envergonha
Mas quando entristece, se encolhe,
engolida
Vira nó na garganta, oh coisa sofrida*

*A palavra é sempre uma novidade
Ao mesmo tempo é mais antiga que a
antiguidade
Está na boca, na cuca, na brincadeira,
No gesto, no canto, no sonho, na vida
inteira*

*A palavra na ponta da língua, depois solta
no ar
Vestida com tantas roupas, voando para
todo lugar
Passada de pai para filho, de avó para tio
Juntando tudo, como um telefone sem fio*

*Ela se achou também muito bonita
Quando se viu pela primeira vez escrita
Tabuletas de pedra, papiro, pergaminho
Lá veio a palavra escrevendo seu
caminho*

*Depois, moderna, se espalhou na tela
Na palma da mão, deslizando tão bela
Em rápidas mensagens, ondas no ar
Viaja num instante para onde quiser
chegar*

*Tem dias que ela sente que tudo dá
errado
Trava na língua, erra o soletrado
Se agiganta no calor da emoção
E de tão grande vira um Palavrão*

*Mas ela é sábia e aprendeu a esperar
Quando tudo fica assim embolado
Pede um tempo e respira fundo
Dá as mãos ao silêncio, sempre ao seu
lado*

*A palavra é causa e consequência
Ela mostra a direção, serve de guia
Ela é origem, meio, e destino
A palavra é a própria travessia*

*Gosta de viajar livre pelo mundo afora.
De diferentes formas, contar sua história
Ela não guarda segredo, esta tagarela
Que o que ela quer mesmo é uma cena,
só dela
(texto de minha autoria para o espetáculo
infantil Palavra Tagarela, 2019)*

Ficando junto

ALVES, Rubem. A escutatória. In: **O amor que acende a lua**. Campinas: Papyrus, 2011. p. 57 a 64.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A palavra mágica. In: **A palavra mágica**- poesias. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARROS, Manoel de. **Matéria de Poesia**. São Paulo: LeYa, 2013, p.28

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. São Paulo: LeYa, 2013, p.47

BENJAMIN, Walter. O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORGES, Jorge Luis. **O aleph**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.145.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

CHRISTOV, Luiza Helena Silva. **Sobre o texto acadêmico: pensando em fluxo uma tentativa de indefinição**. Elaborado para a aula junto aos doutorandos do Programa de Pós Graduação em Artes/Unesp, 2016.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

EVARISTO, Conceição. Recordar é preciso. In: **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p.11.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças**: Escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.

FRIEDMANN, Adriana. **Antropologia da Infância**. São Paulo: Edição da Autora, 2009.

FRIEDMANN, Adriana. **Escuta e observação de crianças: processos inspiradores para educadores**. São Paulo: Centro de Pesquisa e Formação Sesc, 2018.

FRIEDMANN, Adriana. O olhar antropológico por dentro da infância - adentrando nas casinhas das crianças. In: MEIRELLES, Renata (org.). **Território do Brincar - Diálogos com escolas**, São Paulo: Instituto Alana, 2015, p.36-45.

Disponível em: https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio_do_Brincar_-_Di%C3%A1logo_com_Escolas-Livro.pdf. Acesso em 17 de dezembro de 2020.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto: uma tragédia**. Segunda parte. São Paulo: Editora 34, 2007.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve**. Petrópolis: Vozes, 2019.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo horizonte: Autêntica, 2020.

LISPECTOR, Clarice. As águas do mundo. In: **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p.145

MUCAVELE, Tina. Semente que é sonho. In: FAUSTINO, Carmen, SOUZA, Elizandra (org.). **Pretextos de mulheres negras**. São Paulo: Coletivo Mjiba, 2013, p.110.

PRADO, Adélia. Paixão. In: **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

REEKS, David. Filmando Crianças. In: MEIRELLES, Renata (org.). **Território do Brincar - Diálogos com escolas**, São Paulo: Instituto Alana, 2015, p.36-45.

Disponível em: [https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio do Brincar - Di%C3%A1logo com Escolas-Livro.pdf](https://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Territ%C3%B3rio%20do%20Brincar%20-%20Di%C3%A1logo%20com%20Escolas-Livro.pdf). Acesso em 17 de dezembro de 2020.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

SOUSA, Emilene Leite de. As crianças e a etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. In: **Iluminuras**, Porto Alegre, v.16, n.38, 2015. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/57434>. Acesso em 15 de março de 2021.

SOUSA, Emilene Leite de. **Umbigos enterrados-** Corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância. Florianópolis: Editora da UFCS, 2017

...Entrou por uma porta,
saiu por outra.

Quem quiser que conte outra...